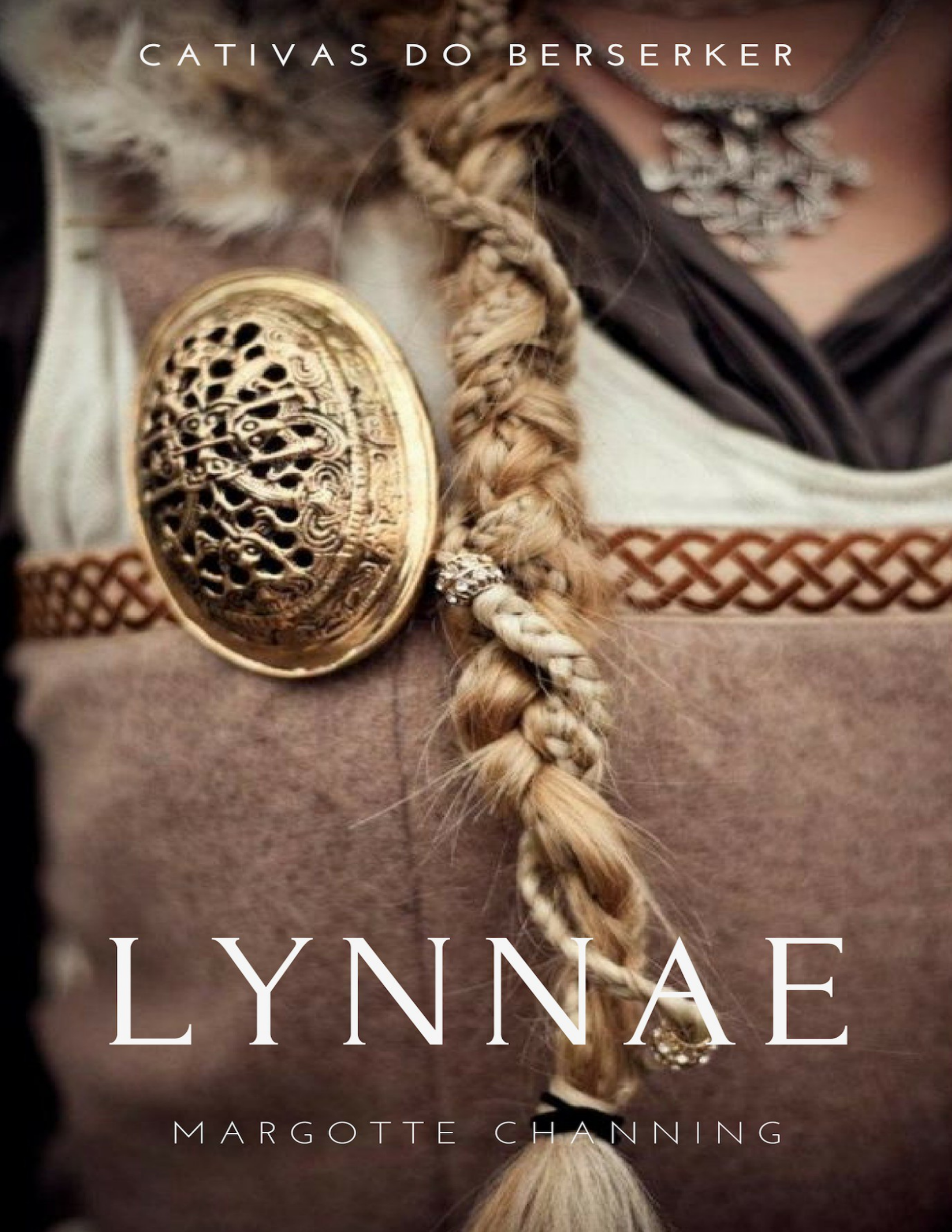
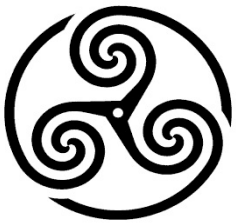
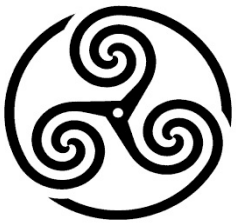

CATIVAS DO BERSERKER
LYNNAE
MARGOTTE CHANNING

LYNNAE

(Cativas do Berserker 03)

Margotte Channing





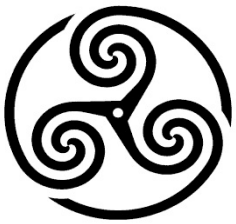
SINOPSE

Gronelândia, ano1113

Gunnar, o mais jovem filho de Erik e Yvette, e Berserker, decide deixar a casa da família para lutar como mercenário do rei Filip Halstensson. Perante os outros, parte porque quer construir um futuro, mas, na realidade, sente que a besta que está dentro de si é cada vez mais forte, e com medo de ferir sua família, ele decide abandoná-los, o que provoca uma forte discussão com seu pai.

Quatro anos depois, sente que está prestes a perder a razão, ainda não conseguiu encontrar a mulher que lhe terá sido destinada, a única, sua *andsfrende*, que fará com que seu animal interno acalme. Um dia, andando pela floresta, vê Lynnae, uma jovem que está nadando nua no rio, e de uma beleza quase irreal. Nesse momento, ele sente que encontrou o que procurou por tanto tempo. Mas o berserker está tão animado que se comporta como um animal e faz Lynnae sentir terror em relação a ele.

Só ela pode fazer desaparecer a escuridão que o invade por dentro. É por isso que Gunnar, apesar de entender que ela o teme, usará qualquer meio, inclusive chantagem, para torná-la dele. É sua única esperança.



CAPÍTULO I

Granja Brattahild, Groenlândia, ano 1113.

Fazia muito tempo que Erik não ficava tão furioso. Havia se acostumado a discutir violentamente com seu filho mais velho, Ragnar, que possuía um gênio endiabrado, porém desta vez a discussão era com Gunnar, que como Rongvald, era muito mais tranquilo.

Gunnar permanecia ereto diante dele, com seus mais de dois metros, beligerante como nunca, sem poder acreditar que seu pai pretendesse continuar lhe dando ordens. Os dois se enfrentavam com o mesmo cenho franzido e um olhar tempestuoso esperando que o outro cedesse.

Afortunadamente sua mulher, Yvette, não estava em casa porque fora visitar uma senhora enferma. Erik sabia que, se ela estivesse ali teria que discutir também com ela.

— Não penso em suportar mais pai! — Gunnar mantinha os punhos cerrados e grudados ao corpo. Erik se controlava, com dificuldade, para não se lançar em cima dele, e fazê-lo

entrar na razão batendo em sua cabeça a golpes. Porém, em algo ele possuía razão, já era um adulto, completara vinte e dois anos, e ele saíra da casa de seu pai muito antes.

— Você fará o que eu lhe disser! — Ele gritou. O vozeirão de Erik, impróprio de um homem de sua idade, ressoou por todo o salão. Os serventes que preparavam as mesas para a refeição, saíram correndo, assustados, ao escutá-lo.

— Não! Você me disse, já faz anos, que se eu quisesse construir meu futuro precisaria ir embora daqui, e estava certo — ele baixou a voz tentando ser conciliador, respirou fundo com a intenção de ser razoável. Voltou a falar mais tranquilo:

— Pai, sou seu filho caçula. Meu irmão Rangvald, e eu me alegro, será quem herdará tudo isto — com um gesto mostrou a granja e os arredores.

— Mas eu preciso ir buscar minha fortuna.

— Acredito que você não está pronto. — Erik sabia que discordava sem razão. Ele se aproximou de seu filho, que havia ficado triste, cabisbaixo, sentado à mesa na qual se alimentavam antes que se desenvolvesse a discussão. — Filho pense em sua mãe. Além disso, estas terras são muito grandes, são para todos. Falaremos com seu irmão para chegar a um acordo. Nada nos faria mais felizes, a mim e à sua mãe, que saber que viveriam todos juntos na granja.

— É impossível pai! — Ele o olhou indignado, — não pode me pedir isso. Quero viajar, percorrer o mundo. O senhor não é capaz de se alegrar por mim, sempre voltarei para ver vocês, são a minha família. — Erik não poderia deixar que ele se fosse, e não estava preparado para sua partida. Ele se negava

irracionalmente àquilo.

— Gunnar, você terá muitas oportunidades, não tem porque ajudar um desconhecido, em uma guerra que não nos importa. Você terá ocasiões para lutar e para demostrar o seu valor.

— Não pai, preciso ir agora buscar meu próprio lugar na vida. Amo a todos vocês, porém não esperarei mais, e me pareço muito com você. Pois era, muito, mais jovem do que eu, quando saiu de sua casa. — Naquele momento, Erik sabia que não havia nada para fazer. Quando viu a expressão de seu filho, sabia disso. E o medo fez sua mente sair do controle. Chegara o momento que ele tanto temia, seus filhos estavam se afastando dele, para tão longe, que ele não podia mais protegê-los. Sua filha fora com seu parceiro para o outro lado do mar, dois anos antes, e, agora, eles se sentiam com sorte se a vissem uma vez ao ano. Ele não podia suportar que todos saíssem, então ele disse algo que nunca deveria ter saído de sua boca:

— Gunnar, eu vou lhe dizer apenas uma vez, se você sair agora, contra a minha vontade, não volte nunca mais. Aqui deixará de ser a sua casa. — Sua mandíbula ringiu como acontecia quando ele se tornava mais raivoso. Seu filho o conhecia bem.

— Você não pode estar falando sério! — Gunnar, ficou pálido quando ouviu a ameaça. Apesar de adulto, sentindo-se um homem capaz de tudo, naquele momento, se viu mais sozinho do que jamais se vira antes. Não seria capaz de voltar para a casa de seus pais, mas ao invés de assustá-lo, a ameaça de Erik teve o efeito contrário. Ele prometeu a si mesmo que

faria o que havia decidido, independentemente do que acontecesse.

— Sim, Gunnar, claro que estou falando sério, estou farto disso. Você me deve respeito, acho que estraguei você demais, mas isso acabou! — Ele se abaixou para dar um golpe de punho fechado na mesa, quebrando as tigelas e pratos que estava a sua frente. — Eu o proíbo de ir! Se você fizer isso, eu vou dizer a sua mãe quando voltar, que você não será bem-vindo em nossa casa a partir deste momento. — Erik, ereto, com o cabelo ainda vermelho, embora com fios grisalhos e olhos azuis como quando era jovem, permaneceu rígido mesmo quando seu filho olhou para ele, com uma expressão de desapontamento e dor.

— Ok, se você não se importa, eu vou preparar minhas coisas e vou sair pela manhã. — Seu pai assentiu rigidamente, embora sentisse seu coração se quebrar. Ele viu seu filho sair do ambiente, incapaz de encontrar as palavras necessárias, para fazê-lo voltar. Ele pegou a caneca de hidromel esquecida, mas, quando ia levá-la aos lábios, de repente, ele a jogou contra a lareira acesa, enquanto seu rosto se transformava em um semblante de amargura.



Dois anos depois...

Gunnar "o lobo" analisou a fortaleza com cuidado. Ele estava montado em seu cavalo e a observou de perto, da colina

em frente ao castelo. Ele olhou às duas torres na frente dele, onde o inimigo possuía várias fogueiras para o aquecimento de óleo, que eles virariam sobre aqueles que tentassem escalar suas paredes. Ele contou mais de vinte arqueiros agachados atrás da parede, esperando para terminar o que eles não conseguissem aniquilar com o óleo. Ele olhou para Viggo que chegou naquela hora.

Gunnar cumprimentou-o. Viggo era o segundo no comando e o que o conhecia melhor. Eles lutaram juntos desde o início como mercenários, sob o reinado do Rei Philip Halstensson. Era uma questão de tempo antes que o rei finalmente entregasse a Gunnar o comando de seu exército.

— Viggo, quanto tempo demorará a catapulta? — Ele continuou assistindo os preparativos, quieto. Ele vivera aquela mesma cena muitas vezes.

— Ela vai estar aqui esta noite. — Ele assentiu, e com um gesto de despedida, galopou à esquerda, na direção da imensa planície gelada. Lá estava o restante de seus homens, agrupados em torno das fogueiras, esperando por suas ordens.

Ele foi diretamente à sua tenda, um presente do rei. Entrou tirando o capacete de ferro e deixando-o em uma cadeira, junto com a pequena camada de pele, a espada e a adaga.

— Você está de volta? — Gunnar se virou com uma carranca e tentou sorrir quando viu o rei, mas aquele gesto simples que era tão natural, anos antes, cada vez era mais difícil.

— Olá Filip, — foi até ele para cumprimentá-lo. Filip havia

sido bom para ele.

Prova disso é que agora ele possuía magníficas terras e um castelo, como presente do rei. Tudo o que o rei pedia em troca era que ele conseguisse a paz para o seu reino, e Gunnar acreditava, sinceramente, que estavam prestes a conseguir.

Filip Halstensson levantou-se da cadeira onde bebia da taça que fora servida assim que chegou, para receber seu amigo. Isso era o que ele considerava, embora Gunnar nunca tivesse lhe dado a entender, que sentia o mesmo. Ele era um homem que poupava palavras e era muito mal-humorado, mas, isso se tornava sem importância, pois no restante, ele era tremendamente fiel e um grande guerreiro.

Já o rei era um homem baixo e bastante rechonchudo, com cabelos escuros e finos e olhos claros que transmitiam bom humor. Ele possuía uma qualidade estranha em ser rei, e essa era que ele sabia rir de si mesmo.

Gunnar, por outro lado, apresentava mais de dois metros de altura, moreno, seus olhos eram violeta e as mulheres suspiravam por ele a sua passagem.

O rei fora testemunha daquilo muitas vezes, embora o guerreiro não prestasse muita atenção a elas. Ele só as usava quando precisava acalmar suas necessidades corporais e depois as esquecia. O rei secretamente o admirava por isso, embora fosse apaixonado pela esposa, a rainha.

— Querido amigo! Eu lhe trago boas notícias — Gunnar olhou-o com expectativa, não conseguia pensar no que poderia ser. Aquele homem era tão especial que costumava surpreendê-lo.

— Diga-me. — O rei sorriu com aquela resposta relutante.

— Após esta vitória, finalmente, toda a Suécia será unificada, e não precisaremos mais lutar. Vamos todos marchar como um só homem, em um país irmanado. A destruição acabou, a partir de agora, trabalharemos para viver em paz num país melhor! E espero que você também esteja ao meu lado neste momento.

Gunnar olhou para o homem que, apesar de tudo, era um apaixonado. Ele era muito inocente em acreditar que outro revolucionário entre os que estavam por todo o país não se rebelaria, assim que ele se virasse. Mas não lhe diria nada, deixaria que ele ficasse feliz pelo tempo que pudesse. Em qualquer caso, o que o rei disse significava que ele poderia fazer o que ele estava pensando há tanto tempo. Retirar-se-ia e lutaria pela propriedade que ele lhe deu. — Desculpe Filip, mas não sou um homem adequado para o governo. Não seria útil para você, você precisa de alguém mais diplomático do que eu. Além disso, gostaria de me retirar à ilha que você me honrou ao me conceder.

— Claro, Gunnar, claro! É uma pena que você não tenha uma mulher para levar com você. Mas não tenho dúvidas de que você a encontrará imediatamente. Ele riu alto de sua própria piada e fez Gunnar sorrir sombriamente.

Fazia bastante tempo que ele sentia a escuridão se movendo dentro dele. O berserker com quem ele compartilhava seu corpo estava cada vez mais nervoso e violento. Felizmente ele havia saído de casa a tempo, não suportaria arriscar alguém de sua família. Aquilo foi melhor para todos.

— Quando você pensou em atacar, garoto? — A pergunta de Filip o trouxe de volta à realidade.

— Hoje à noite, assim que a catapulta chegar.

— Ótimo! Então eu posso vê-lo em ação. É sempre um privilégio ver como você luta na primeira fila e como você consegue que as tropas o sigam. Embora às vezes eu ache que você é um pouco louco em seus ataques.

Gunnar sorriu em resposta, e seu olhar se voltou para Viggo, que estava entrando na tenda naquele momento.

— Majestade, — inclinou-se para o rei, — desculpe-me, mas eu venho falar com Gunnar. — O rei acenou com a mão para que ele falasse sem medo.

— Gunnar a catapulta já está aqui.

Gunnar assentiu.

— Ok, prepare tochas suficientes, não há lua cheia, e os atiradores de catapultas precisam enxergar. Os soldados irão a pé no escuro, diga a todos que nós iremos sem luz. É mais difícil para você ser atingido pelas flechas do inimigo, se eles não puderem vê-lo. — Viggo assentiu e foi cumprir suas ordens.

A hora havia chegado, ele se virou para o rei.

— Philip, há algo que eu preciso lhe pedir. — O rei balançou a cabeça em surpresa. Até onde se lembrasse, aquele homem corajoso nunca pedira nada, o que o tornava mais generoso com ele, do que com qualquer um de seus outros guerreiros.

— Claro o que você quiser, — Gunnar assentiu seriamente.

Na casa de seu pai ele aprendera a lutar, mas se distinguira era de segurar em suas mãos, — muitas vezes em desacordo com seus irmãos — livros em vez de armas. Mas no exército, era mais um viking feroz.

— Eu joguei as runas. — O rei abriu a boca sem poder evitar, agora ele parecia atordoado.

— Eu pensei que você não acreditasse nestas bobagens. — O viking concordou.

— Sim, mas eu recebi uma visão. E se isso se cumprir, — ele suspirou, era quase uma surpresa ele ser capaz de dizer a alguém — é muito possível que eu não sobreviva esta noite. Não é certo, mas apenas no caso de, há algo que eu preciso que você faça.

— O que você diz? — O rei parecia perturbado, se necessário, pediria para outra pessoa liderar os homens. — Viggo, é isso, eu vou falar com ele, — mas Gunnar levantou a mão, balançando a cabeça,

— Eu não posso evitar meu destino, ninguém pode fazer isso. — ele não poderia contar que a escuridão crescera dentro dele de tal maneira, que estava grato por poder sair sem causar danos a qualquer pessoa inocente. Colocou a mão dentro da camisa e tirou dois pergaminhos que entregou ao rei. — Caso eu morra, peço que tome cuidado para que isso seja entregue aos meus pais. Nós não nos vemos desde que eu saí de casa. Minha mãe me escreveu, mas meu pai é muito teimoso para dar o braço a torcer. — Ele sorriu pesaroso. —Tenho medo de me parecer com ele, mas amo os dois, eles foram bons pais.

O rei estendeu uma mão, um tanto trêmula, e pegou as

cartas de despedida daquele grande homem.

— Eu juro que vou lhe devolver, para que você mesmo entregue. — Gunnar colocou suas armas de volta e eles pegaram um ao outro pelo antebraço direito para se cumprimentar, deixando a tenda em silêncio.



Ele liderou o ataque como sempre fazia, com inteligência e sangue frio. Como previsto pelas runas, ele foi à primeira linha dos atacantes e quando chegou à muralha do castelo, desmontou e tomou uma das escadas de corda que haviam conseguido prender em uma das paredes. Começou a subir rapidamente, enquanto seus homens o seguiram, envolvidos em gritos de fúria, inflamados pela coragem daquele enorme viking.

Gunnar não viu nada, era noite fechada, mas os defensores do castelo também não sabiam que ele estava lá. Foi pura má sorte, que uma das gigantescas panelas de óleo fervente foi virada para ele e os soldados que o seguiam. Gunnar gritou com toda a força quando sentiu o líquido lhe queimando. Então, ele caiu da escada até seu corpo encontrar o chão, mas não sentiu o golpe, havia desmaiado por causa da dor.

O rei gritou para os médicos até que eles fizeram o que foi ordenado, finalmente Gunnar, seu amigo, recebeu os cuidados que precisava. Filip estava prestes a matar um deles, que viera antes dele, de uma cidade próxima, e que não queria curá-lo,

dizendo que ele não sobreviveria. Mas assim ele ameaçou cortar suas cabeças, todos mudaram de atitude e começaram a trabalhar. Esperou que eles terminassem, como se fosse alguém de sua família, duas horas depois, somente um dos médicos deu informações,

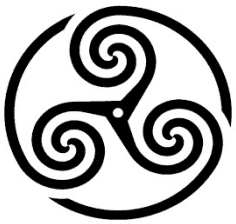
— Majestade, — ele curvou-se, — fizemos o que podíamos, mas o lado esquerdo do corpo estava muito ruim. Se seguir o tratamento que lhe demos, não vai doer, mas na face, orelhas e pescoço, ele terá cicatrizes terríveis. Assim como no braço e na mão esquerda

O rei assentiu, não parecia tão sério, depois de pensar que ele morreria.

— Então ele vai viver?

— Sim majestade, ele é um homem muito forte.

— Bem, você fez um ótimo trabalho, eu recompensarei você por isso. Agora quero ver meu amigo, chegou a hora dele se aposentar e ser feliz. — O rei, ingênuo como sempre, foi ao aposento de Gunnar, convencido de que seu amigo teria a vida de felicidade que desejava para ele.



CAPÍTULO II

Visby, Gotland Island, Suécia, 1117.

Lynnae sentou-se na rua, observando o nascer do sol. Ela terminou de fazer uma trança em seu cabelo comprido, ajeitando-o dentro do gorro de lã que foi colocado em sua cabeça. Uma vez feito isso, ela alisou as rugas de sua camisa o melhor que conseguiu, e levantou-se para olhar para si mesma, em um pedaço de cobre polido que servia de espelho. Ela sorriu quando viu sua imagem, o cabelo estava escondido e as calças e a camisa tão grandes que parecia um adolescente que precisava comer, mas, certamente, não uma mulher. Ela pegou a bolsa onde guardava seus poucos pertences, e se virou para seu acompanhante que ainda estava dormindo, exausto da caminhada do dia anterior.

— Mestre, — sussurrou. Ele estava tão magro e cansado que ela sentia muito por acordá-lo, mas para eles não havia escolha a não ser continuar andando. Eles não haviam comido nada no dia anterior, hoje eles precisavam comer como

pudessem. O velho, depois dela chamá-lo mais algumas vezes, abriu os olhos,

— Já é hora Lynnae? — Ela assentiu e pegou a mão dele, puxando-o com força. Era a única maneira de ajudá-lo ultimamente. O velho cambaleou por alguns segundos, mas ela o segurou até que ele pudesse ficar de pé, sozinho. Ela estava muito preocupada com a rapidez com que ele envelheceu em poucos dias, ela viajava com ele nas estradas por sete anos, mas ele nunca esteve tão ruim

— Você quer um pouco de água? — Ele balançou a cabeça e ela entregou a pele em que mal havia um gole da bebida, ele bebeu devagar, como se estivesse saboreando. Lynnae guardou a pele em sua bolsa e pegou-o pelo braço para colocá-lo na estrada de terra, para começar a andar. — Venha mestre, não falta muito mais, chegaremos esta manhã. Isso é um passeio para nós!

Käresson, o velho, mostrou um sorriso trêmulo, e começaram a andar, felizmente não chovia, pois não havia nada pior que a chuva para viajar, pelo menos para ela. Era pior do que o frio e o calor, pois se chovesse eles não conseguiam nem dormir na sarjeta, como haviam feito naquela noite. Um tempo depois, talvez uma hora, eles viram ao longe a parede de Visby, como esperavam, e um pouco mais adiante, o mar. Dentro da muralha estava o castelo de Visborg, o único na ilha de Gotland, e onde morava o dono de todas aquelas terras. Disseram para eles no sul, de onde eles vieram, que ainda havia trabalho lá, porque estavam reconstruindo o castelo e precisavam de auxiliares.

— Olhe o mar! É maravilhoso, sempre que o vejo, me excita!

— Sim minha menina, você tem razão, poucas coisas no mundo são tão impressionantes. — Käresson, sua única família, que a acolheu quando era uma garota perdida de 10 anos, só podia andar apoiado em uma bengala. Lynnae ouviu, preocupada, sua respiração agitada, embora eles estivessem avançando lentamente, ela já havia perguntado se queria descansar, mas ele havia dito que não.

— O que você faz com o cinzel é mais impressionante, — ela brincou. Ele não sorria, não como as outras vezes, sua mão direita não parou de tremer todo o caminho do sul. Mesmo ele não querendo dizer nada para Lynnae, ele não sabia se poderia continuar ganhando seu pão com aquele ofício.

Eles se afastaram do centro da estrada, ouvindo um rugido de cavalos galopando, que chegava cada vez mais perto. Eles se levantaram, esperando para ver quem era. Lynnae ficou ereta debaixo de uma árvore, ao lado do velho que era tudo para ela na vida. Então três cavaleiros passaram diante deles, embora ela só conseguisse ver uns olhos violetas estranhos e frios, que pareciam surpresos ao vê-la. Na verdade, aquele imenso viking conseguiu virar a cabeça para olhá-la novamente, antes de sumir de vista.

Eles continuaram seu caminho, em um ritmo mais lento do que ela gostaria, ela temia que, a qualquer momento, Käresson não pudesse andar mais. Mas tiveram sorte e chegaram à entrada do Castelo de Visborg. Eles deram o nome que haviam recebido do outro lado da ilha, e um criado os

levou perante Äsmund, o senescal do castelo.

Ele era um homem afável, grande e quase sem cabelos. Assim que ele viu Käresson, ele os sentou, e imediatamente pareceu perceber que eles não haviam comido, porque lhes disse: —Eu estava indo para o café da manhã, vocês aceitam um copo de leite e uma fatia de pão? — Ela assentiu sem questionar, não conseguiu resistir mais sem ter algo no estômago. Depois que aquele homem gentil os alimentou, em seu próprio escritório, ele perguntou:

— Então meu primo manda você, eu não o vejo há muito tempo, ele ainda não se casou?

— Não sei dizer senhor, só o conhecemos porque estávamos trabalhando algumas semanas para o mestre dele. Em uma casa muito grande, onde meu mestre esculpiu várias estrelas rúnicas, ela apontou para o professor que sorria sem falar.

— Eu entendo, então, seu mestre é bom em seu trabalho?

— É claro! O melhor! — Ela sorriu feliz, o que fez os dois homens sorrirem para ela. Ela sempre foi informada de que sua alegria era contagiante.

— O que você sabe fazer? — Ela encolheu os ombros, segura de si mesma.

— Eu posso ajudar, mas eu também posso fabricar runas melhor do que qualquer outra pessoa, as que eu faço nunca se quebram ou trincam quando são manuseadas. E eu também uso qualquer tear, eu posso tecer roupas para qualquer um, e me disseram que meu tecido é da melhor qualidade. E eu também posso fazer colares e pulseiras, os mais bonitos, —

seus dentes brancos mostraram um sorriso confiante. O homem a observou surpreso por não ter percebido imediatamente a beleza daquela garota.

Com brilhantes olhos dourados, cabelos e pele tão brancos, parecia uma daquelas Valquírias, de que todos ouviram falar, e que pertenciam à mitologia do mundo antigo. Pena que pelas roupas que ela usava, se poderia dizer que ela era muito pobre.

— Minha garota pode fazer quase tudo, ela é muito inteligente e trabalhadora, — foram as primeiras palavras que o velho disse, e ele fez isso olhando para ela com um profundo afeto. Ela baixou a cabeça envergonhada, não estava acostumada a receber elogios. E ultimamente, seu mestre concedia eles, mais do que nunca. Äsmund olhou para eles uma última vez, e deve ter se convencido com o que viu.

— Ok, meu primo está certo, precisamos de artesões, e é verdade que, meu senhor, está expandindo algumas partes do castelo. Por outro lado, meu senhor, Gunnar, gosta muito das runas, e eu sei que ele queria encontrar um mestre, para fazer um jogo especialmente para ele.

— Ele gosta das runas? — Äsmund acenou com a cabeça para a pergunta de Lynnae — É estranho eu não conhecia, até agora, qualquer homem que fizesse isso.

— Quando ele as tiver em seu poder, é melhor fugir, porque descobre tudo o que quer saber sobre você. — Ela olhou para ele sorrindo, mas ele não parecia brincar.

— Ok, vou mostrar seus aposentos e, amanhã, você será colocado com o mestre pedreiro. Se ele concordar, você pode

trabalhar aqui com um pagamento normal de salário. Comida e cama incluídas, é claro. Lynnae assentiu quase sem respirar porque o coração começou a pular em seu peito. Ela não podia acreditar que, novamente, eles teriam comida quente e cama, pelo menos por uma temporada.

Ele chamou uma empregada que mostrou os aposentos dos dois, cada um deles compartilharia com outras cinco pessoas. Lynnae aproveitou a oportunidade para perguntar onde ela poderia se lavar, a moça olhou-a com desprezo, de cima abaixo, e apontou a porta da rua.

— Se você deixar o castelo e caminhar alguma distância à sua direita, há um rio que é muito limpo. — Ela disse depois de uma gargalhada, mas Lynnae estava acostumada a se lavar em águas geladas, e com as ofensas de outras mulheres sobre suas roupas. Eles estavam na primavera, a água não devia estar muito fria. Ela deixou Käresson com a promessa de que ele dormiria, já que no dia seguinte estaria muito ocupado. Ela com a bolsa que continha o pouco que possuía na vida, saiu para encontrar o rio.

Ela pegou um pedaço de sabão para se lavar. Era um sabão que eles fizeram, e completamente nua, foi para o leito do rio. Não era muito largo, mas era profundo, ela entrou em uma parte do rio escondida pelas árvores, de modo que ninguém pudesse vê-la. Suas coisas também estavam escondidas atrás de alguns arbustos, então ninguém notaria que ela estava lá. Mergulhou e nadou alegremente, como sempre fazia quando havia oportunidade, era uma das coisas que ela mais gostava. Naquele momento, todos os problemas e

preocupações saíam de sua mente.



Gunnar andava nervosamente ao longo do limite da floresta em direção ao castelo, ele não sabia o que estava errado, ele havia retornado da corrida com seus amigos, galopando como um louco. Axel aceitou tudo, como brincadeira, mas Niels, seu melhor amigo, estava zangado com ele, um momento antes nos estábulos. Eles argumentaram fortemente, Niels disse que entendeu, mas que ele precisava pensar antes de fazer aquelas coisas malucas. Mas ninguém que não fosse outro berserker que tivesse sofrido o mesmo que ele, poderia saber o que estava acontecendo, era impossível.

Sentiu que estava sufocando, não podia estar com as pessoas, porque estava sempre de mau humor. É por isso que ele dava aqueles passeios. Ele andava sozinho, tentando se acalmar. Começou a acontecer com ele, antes de deixar a casa dos pais, há quatro anos. É por isso que ele se foi, não queria que eles vissem o que estava se tornando. O que todo berserker temia era que estivesse enlouquecendo, além do remediável. A escuridão estava crescendo dentro dele, até que terminasse com o que restava de humanidade.

Seu pai havia lhe explicado desde que eram pequenos, que a única maneira de viver em paz com o berserker era encontrar sua mulher, a única mulher para eles. Apenas um entre muitos, estava destinado a aplacar aquele monstro que estava dentro deles. Seu pai, antes dele, havia sofrido e lutado contra

a escuridão, mas conseguiu superá-la quando encontrou sua esposa, Yvette.

Tal maldição estava sempre com ele, e ele nunca conseguia tirar aquilo da cabeça. Num momento de fraqueza, depois de se recuperar das febres causadas pelas queimaduras, ouviu o rei Filip e tomou uma concubina que o rei apresentou a ele. Gunnhild era linda, uma boa mulher, e governava sua casa com justiça, mas ela não era a escolhida. Embora no começo ele tivesse alguma dúvida, ele sabia, a muitos meses, que ela não era.

Ele ouviu um barulho no rio e se escondeu atrás das árvores para ver quem era. Alguns segundos se passaram, até que ele pudesse ver quem havia chamado sua atenção.

Havia uma garota nua tomando banho no rio, ela lavava a cabeça, o cabelo era longo e loiro, quase branco. E seu corpo, magro e delicado, como se fosse um elfo da floresta. Ele ficou em seu esconderijo, assistindo, com medo de assustá-la.

Ele sentiu seu coração palpitar e o berserker se manifestou, alerta, consciente dela. Ele tentou respirar lentamente para se acalmar, ela estava muito perto, no máximo cinco metros de distância. Ela brincava enquanto afundava na água como um peixe, e ria ao chegar à superfície, divertindo-se. Parecia uma criança fazendo isso. Quando ela saiu outra vez, atirou o cabelo para trás e olhou para os lados, talvez pressentindo que alguém a estivesse olhando. Gunnar se encaminhou, sem ela vê-lo, para o lugar no rio por onde ela sairia. Enquanto ela, com a água em volta da cintura, enxaguava o cabelo com a cabeça para baixo, ele aproveitou a

oportunidade para ficar diante dela.

A garota, quando o viu, voltou à água e ele a seguiu, sem perceber que estava encharcado, com a mão direita erguida, tentando tranquilizá-la. O sangue corria como fogo em suas veias, sufocando-o, ele sentiu um queimar estranho em seu peito. Naquele momento, ele entendeu o que seu pai estava dizendo, quando explicou que, quando conhecesse sua parceira, ele saberia. Ele lambeu os lábios, observando as gotas de água escorrerem pelos seios dela. Sem perceber o que estava fazendo, ele se aproximou dela e com o dedo indicador roçou um dos mamilos da cor de morangos, que se empinaram rapidamente. Gunnar rosnou, literalmente, babando, agarrou-a pela cintura para que ela não fugisse e colocou o mamilo nos lábios, sugando intensamente, fazendo-a gemer. Ele sabia que se comportava como um animal, mas não conseguia evitar. Ele olhou para o rosto amedrontado dela, e tentou não sentir nada, usando toda a sua força de vontade, afastou a boca daquela beleza e falou. Mas ao fazê-lo, sua voz saiu rouca, como se quem estivesse falando fosse alguém que ficou em silêncio por muito tempo:

— Não tenha medo, eu não vou machucá-la, qual é o seu nome? — Ela estava olhando para os lados à procura de uma saída, mas não havia nenhuma. De repente, ela perdeu o equilíbrio e mergulhou, já que estavam no meio do rio, que era muito profundo. Ele esperou que ela saísse, mas ela não o fez imediatamente, e então correu, vestido como estava, em direção a ela para ajudá-la.

Ele tirou-a um momento depois, voltando para o lugar

onde estavam. Lynnae estava com muito medo, sua expressão era como se ele quisesse devorá-la. Ele se lambeu como se ela fosse um pedaço de carne tenra, e ele estivesse com fome durante anos.

Ele apertou a cintura dela deixando marcas vermelhas em sua pele, sem perceber. De repente, ele a pegou e deitou na grama na margem do rio. Então se colocou em cima dela, ela começou a chutar e bater nele com os punhos cerrados. Ele não sentiu nenhuma dor, ela era muito pequena e fraca, mas ele não queria que ela se machucasse:

— Fique quieta! — Ele a segurou pelos dois braços com uma mão acima da cabeça e, com a outra, acariciou o corpo dela. Ele puxou seus mamilos impiedosamente, fazendo-os se alongar e então os chupou implacavelmente.

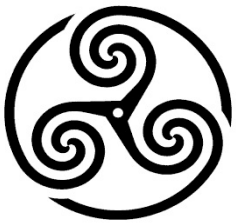
— Não, por favor, deixe-me ir! — Ele não pretendia, mas quando olhou para seus olhos dourados, viu o reflexo de seu corpo em cima do dela, praticamente violando-a, e se desprezou. Ela o olhava como se ele fosse um monstro horrendo, ela certamente ficaria enojada e odiaria sua cicatriz. Ele se afastou dela, usando a força que ainda permanecia, mesmo que o monstro gritasse de agonia, porque a deixou escapar correndo como se fosse uma lebre.

Ele foi atrás dela para ter certeza de que ela não teria problemas para chegar ao castelo. Um pouco mais adiante onde ela acreditava que ele não a veria, vestiu-se e depois entrou na fortaleza.

Gunnar, com o caminhar difícil, já que estava tão excitado que praticamente não conseguia andar, dirigiu-se para lá, para

falar com Äsmund, ele saberia tudo sobre ela. Assegurar-se-ia de que a vigiassem, e proibiria que saísse do castelo sem sua permissão. Finalmente a havia encontrado, sua parceira, a única. Porém se antes sua vida era um suplício, o sofrimento agora era maior, porque sabia que ela estava perto, mas ainda não era dele.

Não sossegaria até conseguir que ela fosse total, e irrevogavelmente sua. Finalmente sua mente estava sendo invadida pela frágil esperança de levar uma vida normal.



CAPÍTULO III

Depois de dar uma olhada em Käresson, e ter certeza de que ele dormia, ela decidiu que, apesar das dificuldades que haviam passado nos dias anteriores, eles precisavam ir embora. Ela não queria estar sempre com medo, na esperança de encontrar o soldado novamente, mas no momento em que pensou nisso, ela mordeu o lábio pensando em seu mestre, ela não podia fazê-lo viajar. Ele estava exausto, certamente não suportaria outro dia a sol aberto. Ele conversava com o senescal que os recebera no dia anterior e que parecera tão gentil com ele. Adormeceu sem se atrever a sair do aposento para procurar comida ou bebida, não queria mais encontrar aquele homem.

Äsmund olhou discretamente para o patrão, nunca o vira tão nervoso. Normalmente ele era um homem bastante quieto, mas agora parecia prestes a explodir. O pedido que ele fez, nunca fizera um pedido semelhante.

— Você quer que ela seja vigiada?

Gunnar disse muito tenso. — Ela não deve deixar o

castelo, se insistir em fazê-lo, mantenha ela aqui e me faça saber. — Seu rosto estava tenso, o que causou um repuxão na cicatriz, parecendo ser um semblante malvado.

— Eu não sei se o mestre pedreiro vai aceitar o velhote que a acompanha como trabalhador, acho que o velho está bastante doente. — Além disso, Alfredo, é assim que se chamava o ferreiro, estava sempre de mau humor, e não tratava seus aprendizes muito bem. Mas se absteve de dizer isso, ele não queria ser responsável por seu lorde expulsar alguém do castelo.

— Bem, que ele o aceite se quiser continuar trabalhando aqui. Eu não quero que ninguém lhes cause problemas, você me ouviu Äsmund? E agora me fale sobre ela, o que eles sabem fazer?

— Ela diz que, se o professor dela não puder trabalhar, ela pode substituí-lo com o cinzel. E sabe fazer colares e pulseiras — ele o olhou atentamente, — e runas.

— Para trabalhar como artesã, não...!

Ele parou de falar a frase sem entusiasmo, quando ouviu sobre as runas, pareceu surpreso com o senescal. Todo mundo sabia sobre seu hábito por jogar as runas, e ele era muito bom nisso. Durante anos ele estivera por trás de um bom jogo de runas, as dele estavam muito desgastadas e não funcionavam mais como antes. Mas era muito difícil encontrar artesões que as esculpissem bem. Era uma arte que estava se perdendo.

Era muito curioso que ela se dedicasse a isso, também pensava que os bons escultores precisavam possuir um dom, senão as runas que eles fizessem não seriam mágicas.

— Certo, amanhã quando ela se levantar, eu quero falar com ela. Peça que ela venha me ver depois do café da manhã, ela está muito magra.

Ele se perguntou como era possível para o senhor saber que ela estava magra com aquelas roupas, tão amplas, que a garota estava usando, mas para o seu bem, fechou a boca novamente.

— Claro, e se Gunnhild perguntar? — Gunnar tentou se acalmar, não para começar a rugir, mas conseguir que todos parassem de se intrometer em seus assuntos.

— Se perguntar, diga a ela que é assunto meu, ela saberá se quer me pedir explicações.

Assmund assentiu surpreso com a dureza de Gunnar. Todos sabiam que, de vez em quando, ele andava com outras mulheres, mas ele sempre respeitara sua concubina.

Algo acontecera com aquela jovem, que parecia tão inocente para ele, e que fez Gunnar parecer prestes a explodir. Ele fixou seu olhar nas costas de seu mestre quando ele saiu do escritório, e com um suspiro, continuou adicionando números nas colunas de despesas domésticas, para transferi-las para o seu livro de contas.

Os problemas estavam se anunciando e era bem grande.



Lynnae se levantou antes do amanhecer, ela possuía esse hábito. Ela não se atreveu a ir ao aposento de Käresson, porque ainda estavam lá os homens que dormiam no aposento

com ele. Ela foi até a cozinha, certa de que poderia ajudar em alguma coisa e assim pagar o café da manhã. O cheiro a guiou até lá.

Era uma sala retangular com uma lareira muito grande, onde o café da manhã para todos os habitantes do castelo estava sendo cozido em várias panelas. Em outras grandes casas onde ela estivera, sabia que um par de mãos para ajudar nunca viria mal.

— Bom dia — ela ficou na entrada, sem entrar até ser recebida. Os cozinheiros costumavam ser ferozes, se achassem que você estava entrando, sem ser convidado, em seus domínios. Uma mulher mais velha, rechonchuda e da sua mesma altura, ou seja, baixa, e uma menina que era mais ou menos da sua idade, muito magra e que era mais alta quase uma cabeça, se viraram para ela.

— Bom dia, quem é você? — A saudação a fez decidir entrar, depois a cozinheira voltou sua atenção para o torresmo que estava fritando em uma panela. Ao seu lado, em uma panela, lentamente cozinhava um mingau. O cheiro de tudo estava lhe deixando com água na boca.

— Meu nome é Lynnae, minha senhora. Eu vim com meu mestre, ele é um artesão. Eu também vou ajudar a esculpir as pedras, — a cozinheira não perdeu o olhar penetrante e quase doloroso que a jovem dirigiu ao seu mingau.

— Eu sou Seren, a cozinheira, e para fazer isso, você precisa comer alguma coisa. Traga-me uma tigela e eu servirei um pouco de mingau. Você é muito magra, — ela virou-se à esquerda, olhou a garota ao lado dela, — esta é minha

assistente Nylsa, ela também é muito magra. — Lynnae assentiu e cumprimentou-a.

— Olá Nylsa. — Esperou que ela respondesse, mas a menina apenas sorriu para ela, e continuou a descascar batatas que pegava em um balde.

— Não espere que minha Nylsa lhe responda, — ela sorriu afetuosa à moça. — Ela não fala há alguns anos, mas entende tudo, não acho que seja surda.

— Oh! — Pegou a tigela, entregou-a a senhora, esta encheu quase até a borda. Ela pegou de novo, colocando as mãos em torno dela, sentindo seu calor com alegria. Era a primeira vez que comia algo quente em dias, — quando comia.

— Posso levar uma tigela para meu mestre? Ele não está muito bem... — A cozinheira olhou para ela, surpresa por terem contratado um artesão doente. Ela assentiu com a cabeça, distraída, depois conversaria com o senescal, pensou que tudo estava estranho.

Ela pegou uma colher do monte ao lado das tigelas e começou a comer em pé, num canto, tentando não incomodar. Estava saboreando a primeira colherada, quando ouviu a voz daquela mulher repreendendo-a.

— O que você está fazendo em pé? Sente-se, mesmo que por um momento. Agora não há ninguém por perto, que possa ficar chateado com você. Nylsa e eu sempre comemos sentadas, certo Nylsa? — A garota riu, escondendo o rosto, como se fosse uma travessura das duas.

Terminando de comer, foi até o balde de limpeza e deixou-a, limpa e seca com a colher, na pilha de tigelas limpas que

estavam lá para serem usadas.

— Muito obrigada, minha senhora, vou ver meu mestre, se você não se importar, — a cozinheira assentiu. Lynnae então se dirigiu à garota. — Então, Nylsa, espero que outro dia possamos estar juntas por um tempo. — Acenou para elas e subia as escadas, já era madrugada e todos se levantaram. Era hora de tomar café da manhã e começar a trabalhar. Bateu na porta apenas no caso de haver alguém com ele, mas Käresson respondeu, sua voz era muito fraca,

— Como vai você? — Ela chegou perto para ver seu rosto, ele possuía bolsas escuras e muito grandes sob seus olhos. Ela se aproximou sorrindo e tentou se sentar.

— Desculpe-me filha, eu não estou muito bem, — ela parou os dois últimos passos, para evitar que ele se movesse.

— Eu não queria contar nada ontem à noite, mas acho que não teria resistido mais tempo andando. — Ela assentiu, confirmando o que sentia.

— Não se preocupe mestre, calma. Felizmente, há pessoas boas aqui. Vou falar com o senescal, ele foi muito gentil, não foi? — Ela pegou aquela mão retorcida, que só a havia tratado com carinho, e a beijou, em seguida, colocou-a em sua bochecha. Ele a acolhera quando ela era somente uma órfã morando na rua e compartilhara sua escassa refeição com ela. Ele lhe ensinara seu ofício, tudo o que sabia, quando ainda era muito bom em seu trabalho. Mas durante alguns anos, por causa de sua idade e saúde, eles foram sendo expulsos de todos os lugares, e eles ficavam na rua a maior parte do tempo.

— Sim, foi — ele assentiu. Ela notou que seus olhos

estavam fechados devido ao cansaço. Por um momento, passou pela sua cabeça o que faria quando ele não estivesse mais lá, mas respirou fundo para não desmoronar diante dele.

— Eu o deixarei, você quer um café da manhã? — Ele gesticulou para que ela o deixasse dormir, ela assentiu e saiu.

Deixou os aposentos dos criados devagar, pensativa, não teria escolha a não ser ficar. Tentaria passar despercebida, para que aquele homem não a encontrasse novamente. Ela ficou desorientada por um momento quando foi ao escritório do senescal, porque o castelo era enorme e parecia um labirinto, mas, finalmente chegou. No dia anterior estava cansada demais para observar o ambiente, não era muito grande, mas confortável, e se localizava no meio, entre os aposentos dos senhores e dos servos. Ela imaginou que, assim como sua posição, o senescal não era um cavalheiro, mas também não era um servo ao pé da letra.

Ela bateu à porta preocupada com o que poderia acontecer, quando dissesse a ele sobre a gravidade de Käresson, ela não sabia se eles os expulsariam e ela faria qualquer coisa para evitar e, além disso, precisava de um médico para vê-lo. Nos castelos costumava ter um, mas era para o cuidado exclusivo dos senhores. Para os criados, normalmente, havia alguma mulher que conhecia ervas, com alguma sorte.

O homem permitiu que ela entrasse e pareceu surpreso em vê-la, ele não estava tão sorridente quanto no dia anterior. Ela se sentiu um pouco nervosa, respirou fundo e falou, antes de perder a coragem:

— Bom dia Sr. Äsmund, meu mestre está doente, ele não consegue se levantar — antes dele mandá-la sair, ela continuou falando tentando convencê-lo — mas não se preocupe, eu vou fazer o trabalho dele. Eu sou forte, embora possa não parecer. Garanto que posso fazê-lo. — E permaneceu de pé, sustentando o olhar do senescal, que não revelou seus pensamentos. Finalmente, ele assentiu, ela ficou muito surpresa que ele aceitasse tão facilmente.

— Está certo, você quer que a Sra. Seren o veja? Ela é a cozinheira, e conhece ervas e remédios. — Ela assentiu com a cabeça, respirando agradecida.

— Sim, por favor. Então, eu vou trabalhar, se você me disser onde estão os artesões. — Ela sabia da importância de começar a trabalhar assim que amanhecesse, e que um atraso era o suficiente para tirar alguém do trabalho.

— Antes disso, o patrão quer falar com você, ele está na sala ao lado. Ele passa muito tempo com seus livros na primeira hora — ficou em silêncio, falara demais. A garota parecia nervosa, não era comum que o senhor do castelo quisesse conhecer um aprendiz.

— Sim. — Ela não poderia dizer não, seu mestre precisava de cuidados, e o estranho pagaria por eles. — Quando terminar, a menos que o Senhor, diga outra coisa, venha até aqui, e eu lhe darei instruções sobre o seu trabalho com o mestre Alfred. — Lynnae assentiu e saiu com um redemoinho girando na cabeça.

Ela bateu à porta que o senescal lhe indicara e imediatamente lhe disseram para entrar.

— Feche a porta. — Ela o fez, e com alguma curiosidade, olhou para o lugar de onde a voz veio, mas não podia vê-lo, já que ele estava sentado em um canto escuro da sala. Ela ficou ao lado da porta, começando a sentir medo.

— Chegue mais perto. — Ela foi até a escrivaninha, cheia de livros e papéis. Por alguns momentos, observando tudo aquilo, impressionada.

— Você consegue ler?

— Ela assentiu. — É estranho, como você aprendeu?

— Meu mestre me ensinou. — Estendeu a mão para um deles e começou a ler o título. Custou um pouco, porque não estava habituada.

—Li-livro das es-estrelas ... deve ser bom.

Ela o olhou interrogativamente, bem, ela olhou para onde ele estava sentado.

— Isso mesmo, você gostaria de ler? — Ela retirou a mão rapidamente, escondendo-a atrás das costas. Os livros eram muito caros e seu roubo era considerado um crime muito sério.

— Não senhor, não precisa, muito obrigada. — Ela pareceu ouvir uma espécie de maldição, mas não entendeu o que ele disse.

— Pegue e leia, eu quero que você faça isso. — Ela estendeu a mão hesitando, a tentação era tão boa...

— Obrigada! — Lynnae o pegou e o envolveu entre as mãos machucadas, contra o peito, como se fosse um tesouro.

— Quando você ler, você vai me dizer o que pensa. — Ela balançou a cabeça. — Outra coisa, Äsmund me disse que você sabe esculpir runas. Eu preciso de um jogo inteiro, dos mais

completos, para mim. Diga-me o material que você precisa para esculpir e você o terá, eu vou recompensá-la bem.

Ela olhou à escuridão, mas era impossível ver qualquer coisa, a sala não possuía janelas, havia apenas uma lareira perto da mesa, e sua luminosidade não alcançava onde ele estava sentado.

— Normalmente, eu preciso tocar nas mãos do dono das runas. — Ele encolheu os ombros — Embora, até agora só as fiz para mulheres. Assim saberei com qual material funcionará melhor.

— Aproxime-se então. — Ela deixou o livro por um momento na mesa, e se aproximou. Antes que ela pudesse chegar muito perto, ele estendeu as mãos.

— Apenas a esquerda, a mais próxima do coração. — Ela pegou a mão enorme, entre as dela, sentindo-se oprimida por sua força. Ela fechou os olhos e viu um lobo solitário, franziu a testa surpresa, ela não costumava ver animais. O lobo olhou para ela com tristeza, e lhe estendeu a pata. O coração do lobo era grande e corajoso como o de..., ela soltou a mão, olhando para ele com os olhos arregalados, — Senhor, o melhor material seria de dente de javali, — deu dos passos para trás decidida a sair dali, precisava pensar no que vira antes de falar com ele.

— Espere! Não creio que seja somente isto que você viu. Diga-me o que você viu realmente.

Gunnar notara uma vibração entre os dois e estava certo de que ela também havia sentido. — Fale! — Ele insistiu.

— Senhor está enganado, não sei porque pensou isto... —

mas ao ver que ele não desistiria explicou a loucura que havia passado por sua cabeça, — por um momento eu pensei que, os dentes que precisaria seriam os de uma besta selvagem, muito maior do que nenhuma outra que tenhamos visto, com um coração maior ainda e também o mais corajoso do mundo. Se o senhor tiver runas fabricadas desse material, verá o futuro com muito mais clareza, nada escapará de sua visão. Eu o vi, porém sei que animal é, mas certamente ele não existe.

— Como eram seus dentes?

— Muito grandes, eles são maiores do que uma pessoa, e as duas presas sobressaem de sua boca quase chegando até o solo… — Gunnar a olhava quase a ponto de atirar-se sobre ela, notou como suas unhas se esticavam cravando-se na cadeira.

O que Lynnae foi capaz de ver em seu interior, ainda que não soubesse, confirmava quem ela era para ele. Ele agarrou com força os braços da cadeira para evitar saltar sobre ela.

— Esse animal existe e casualmente, tenho um par de presas de um deles. Depois lhe darei uma para que fabrique minhas runas, e outras coisas a mais. Vá agora, — ela assentiu, porém, antes de sair pegou o livro, o que fez com que ele sorrisse. Ela gostaria tanto de ler que apesar de estar assustada concordara em pegá-lo.

Quando Lynnae partiu, ele se sentou na cadeira, pensando se não tivesse acontecido, nunca teria acreditado que ela pudesse reproduzir a imagem de um elefante em sua cabeça, sem nunca o ter visto. Ele só o tinha visto em desenhos, e anos atrás, ele conseguira um par de presas em um de seus ataques.

Lynnae, oprimida, voltou para o escritório de Asmund, depois de pedir permissão para entrar.

— Senhor estou aqui, posso ir trabalhar agora? — Åsmund observou o quão ansiosamente ela segurava o livro contra o peito, e como parecia assustada.

— Claro, no pátio de trás estão todas as pedras para serem polidas, quando forem se acabando, traremos mais de Lund, levamos muitas à catedral. Primero eu falarei com o mestre artesão, ele possui um temperamento um pouco difícil, chama-se Alfred. Quando sair diga ao primeiro criado que encontrar que venha até aqui. — Ela assentiu.

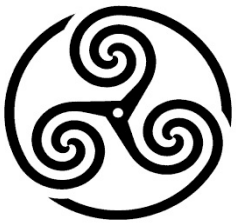
— Sim senhor, porém depois vou buscar minhas ferramentas. — O senescal assentiu, ela saiu e quase caiu nos braços de um criado que a olhou atônito, e ela lhe disse correndo que o senescal o chamava. Continuou correndo para pegar suas ferramentas. Já com a bolsa, preparou-se novamente para ver o ancião, porém ele continuava dormindo.

Ela se foi porque queria conversar com a cozinheira antes de ir trabalhar, precisava ter certeza de que eles cuidariam de seu mestre enquanto ela não estivesse lá. Uma vez tranquilizada pela boa mulher, que lhe disse para sair em silêncio, ela voltou ao escritório do senescal e bateu à porta. Entrou se desculpando, pois ficou claro que o mestre artesão não se sentira bem com a notícia. Ele se virou para ela com um olhar zombeteiro e desdenhoso. Ele era um homem esquelético, de estatura normal, com um cabelo de cor marrom indefinido e olhos claros e quase transparentes.

— Eu não acho que este bebê possa lidar com aquelas

pedras. — Lynnae mordeu a língua, notara o olhar no rosto do senescal. Ele parecia farto de reclamações e olhou-a com uma careta, — Você acha que consegue trabalhar? — Ela assentiu, não querendo discutir demais.

— Tudo bem, mestre Alfredo, eu não quero ouvir mais nada, e não há problema com os aprendizes, certo? — O mestre assentiu arrogantemente e saiu. Ele acenou para Äsmund e a deixou para trás precisando quase correr para conseguir acompanhá-lo. Parecia que seu dia não começara muito bem.



CAPÍTULO IV

Gunnar revirava o porco, perfeitamente cozido, preparado para ele naquela manhã. Era seu prato favorito, e ele geralmente terminava rapidamente. Mas estava distraído. A conversa estranha que acabara de ter com ela, continuava pairando sobre sua cabeça. Ele analisou todos os seus gestos e o que ele havia dito, gostaria de ficar sozinho para poder pensar em silêncio, mas não queria chamar atenção para ela antes do tempo.

Gunnar olhou para cima de seu prato, Gunnhild lhe contou sobre a próxima festa que eles dariam, estava mais alegre do que ele a viu em meses. Ele a observou de perto, ela era uma mulher muito bonita, morena como ele, e com olhos repuxados de um tom de marrom muito bonito. Sua altura era próxima a sua, era muito alta e possuía a aparência que ele gostava nas mulheres, com curvas acentuadas. Ela era simpática e educada, para ele quase não possuía defeitos, apenas um, mas insuperável. Apesar de todas as suas tentativas, ele não a amava. Ele gostava dela sim, e houve um

tempo em que o desejo o fez pensar que poderia ser outra coisa. Agora ele se arrependia de ter se juntado a ela.

Ele olhou distraidamente pela janela e viu, por acaso, a garota da qual ele não conseguia parar de pensar, seguindo o mestre artesão. Ele não prestava atenção nela e parecia estar indo o mais rápido possível, talvez para dificultar que ela o seguisse. Ele apertou a mandíbula com raiva, determinado a ir falar com Äsmund, pois parecia que ele não ouvira suas ordens. A cadeira caiu abruptamente, Gunnhild olhou para ele, surpresa.

— Você acabou? — Ele assentiu furiosamente, e saiu da sala comunal caminhando rapidamente.

Ele abriu a porta sem bater, e a porta bateu na parede, o senescal estava assustado, e a pena derramou uma enorme mancha de tinta sobre as contas patrimoniais que estava escrevendo. Ele olhou-as com pesar e pousou, com cuidado, o pano que possuía para tais situações, bem em cima, pegou-o logo depois e observou, tristemente, a mancha azul clara que havia ficado na folha. Então olhou ao seu senhor, desejando ter feito o juramento da ordem dos frades, em algum mosteiro distante, onde teria sido muito mais feliz.



— Diga-me, Gunnar, parece haver algo que lhe incomoda hoje pela manhã — a ironia dele nessas ocasiões lhe era muito satisfatória, da mesma forma que Gunnar costumava incomodar as pessoas com quem falava.

— Acabei de vê-la andar atrás do artesão, não falei claramente. Não a quero trabalhando naquilo, fazer colares, runas ou o que ela quiser, mas aquilo é muito trabalho para ela! — Ele o olhou enfurecido. Mas o senescal não estava com medo. Havia lidado com ele outras vezes, e sabia que não o morderia.

— Gunnar, ninguém disse nada para ela, é o que quer fazer. O velho está doente e ela sabe que precisa trabalhar para os dois.

— Isso não é necessário! Vou falar com ela. — Ele se virou, irritado e desejando fazer algo violento.

— Gunnar, senhor, se me permitir, — sussurrou, sabia que, quando ele estava assim, era melhor falar com calma. Gunnar ficou parado, prestes a abrir a porta, então continuou falando — se você disser a ela que não precisa trabalhar, a garota vai pensar que algo estranho acontece, e pode ir embora. Deixe-a fazer o seu trabalho, pelo menos por alguns dias, e depois veremos o que acontece. A situação é delicada.

Gunnar então se virou e disse, com uma expressão sincera e triste, já sabendo a quem ele se referia:

— Eu sei Äsmund, acredite em mim, eu sei. Eu não quero machucar ninguém, — ambos sabiam que ele estava falando sobre Gunnhild — eu pensei sobre isso a noite toda, mas eu não sei o que fazer. O que eu não posso permitir é que ela saia. — Ele suspirou e passou a mão pelo cabelo, furioso. —Vou pensar em como agir, para tentar fazer o menor dano possível. Mas uma coisa é certa Äsmund, ela é minha, e não demorará muito para reivindicá-la como tal. Meu corpo e minha alma

exigem isso, — ele se virou e, desta vez, saiu do ambiente.

Äsmund sentiu um calafrio percorrer seu corpo depois de ver os olhos de seu mestre. Por alguns segundos eles mudaram de cor, e apresentaram um intenso azul. Seus olhos eram geralmente de uma estranha cor violeta, mas ele preferia aquela cor, do que aquele assustador azul, que parecia vir do próprio inferno.



Eles a colocaram ao lado de dois aprendizes de artesão, dois garotos de uns quatorze anos que a olhavam espantados, porque, pela expressão deles, nunca haviam visto uma garota com um martelo e um cinzel. Ela estava acostumada àqueles olhares e bateu, sem prestar atenção, a pedra que lhe fora indicada, e que estava encostada em uma coluna para que eles não precisassem se curvar. Albert, o mestre artesão, estava de pé atrás dela, procurando por possíveis defeitos que pudesse cometer. Gunnar acabara de chegar, ficou encostado na parede que dava à cozinha, onde ela não podia vê-lo, e cruzou os braços olhando-a. Ninguém diria que, sob aquelas roupas horríveis, estava escondido um corpo feito para o amor. Ela ainda estava imersa em seu mundo, alisando a face de uma das pedras, que mais tarde seria usada para aumentar seu castelo. Gunnar de repente se virou e saiu. Ele se deparou com um dos meninos que trazia água do rio, e ficou pálido quando o viu, todo mundo olhava assim para ele por causa da cicatriz, mas estava acostumado com isso. Ele respirou fundo tentando

se acalmar. Talvez um bom galope a cavalo o acalmasse.

Lynnae estava concentrada, ela poderia fazer esse trabalho com facilidade, foi quase a primeira coisa que aprendeu a fazer.

Para torná-lo perfeita, ela usou as réguas que o mestre havia lhe dado há muito tempo, e que ela cuidava como o resto de suas ferramentas, como seus pertences mais valiosos. Os outros aprendizes ficaram surpresos ao vê-la usar, já que nenhum aprendiz as usava. Normalmente tudo era controlado pelo olho, e é por isso que o trabalho não ficava perfeito.

Alfred, ao redor dela tentava encontrar defeitos em seu trabalho, mas ela estava calma, trabalhava com cuidado e tentava não o notar em suas costas, às vezes sentindo sua respiração no pescoço.

Depois de algumas horas ela se sentiu um pouco fraca, por não ter comido nada além do mingau naquela manhã. Normalmente ela não estaria com fome naquele momento, mas não havia comido direito durante dias. Além disso, suas costas pareciam queimar de dor, mas ela levantou a cabeça, esticou os ombros e continuou com o trabalho.

Os outros aprendizes, mais acostumados, trabalhavam confortavelmente, sem sentir nenhum desconforto. Ela deveria seguir o mesmo ritmo, e ela o fez. Alfred, o mestre artesão, olhava para todos e mais do que a qualquer pessoa, para ela, com olhos de falcão. Isso a fez redobrar sua força e continuar. Finalizou completamente a primeira pedra, e perguntou quem ela precisaria avisar para ser removida, sabia que os aprendizes não carregavam as pedras. Mas Alfred respondeu

que deveria ser ela mesma, já que aqui, os outros aprendizes as removiam sozinhos.

Ela nunca havia erguido uma pedra tão grande e os meninos a olhavam como se lamentassem. Então ela descobriu que eles também não as moviam, mas Alfred não gostava dela.

Lynnae colocou as ferramentas na sacola e respirou fundo, tentando levantá-la, não olhou para Alfred, porque sabia que estava se regozijando. Numa primeira tentativa, ela não conseguiu levantá-la, depois tentou uma segunda vez, e conseguiu, mas sentiu uma dor tão forte nas costas que achou que algo havia quebrado. Por um momento ela estava prestes a soltar a pedra, mas a carregou, como conseguiu, à pilha das que já haviam sido trabalhadas.

Quando ela olhou as que faltavam ser cinzeladas, sentiu que desmaiaria se precisasse levantar outra. Felizmente, o mestre artesão tocou o sino, um som que finalizou a manhã. Todos se prepararam e Alfred também, depois de lhe lançar um olhar de desprezo.

Ela pegou suas ferramentas, movendo-se como se fosse uma mulher velha, e quando se endireitou, reprimiu um gemido de dor. Só podia andar encolhida, após esfriar o corpo depois do esforço para levantar a pedra, a dor, agora, era muito mais forte. Com a bolsa presa ao peito, ela foi à cozinha.



Gunnar passeava como um leão enjaulado, ele não podia continuar assim por mais tempo, apesar de ter galopado, e

depois ido à cidade beber com Axel e Niels, ele estava muito nervoso, como se algo tivesse acontecido. Ele sentiu que ela precisava dele, iria ao pátio para vê-la, para ter certeza de que estava bem. Enquanto caminhava até lá, ele ouviu um grito que atingiu sua alma. Ele acelerou o passo até começar a correr. Na porta da cozinha, ele ficou olhando o que estava acontecendo.

Ela estava chorando nos braços de Seren, que tentava acalmá-la. Elas estavam sozinhas e ele se aproximou dela sem pensar, mas Lynnae o viu e ficou tensa nos braços da velha, o que fez com que ela gritasse de dor novamente.

— O que está errado? — Aquele que a machucou pagaria por isso, ele rangeu os dentes, ao ponto de rosnar como um animal furioso. Seren olhou para ele, espantada ao ver seu rosto, ele nunca parecera um homem violento, mas agora parecia capaz de qualquer coisa. A cicatriz ficou contraída, fazendo com que metade do rosto parecesse sorrir, sinistramente. Seus olhos se estreitaram quando ele enviou promessas de vingança, envolto em um azul tão brilhante, como ela nunca vira antes.

Seus olhos chamaram sua atenção, sua cor fez sua pele arrepiar. De repente, Gunnar começou a mostrar os dentes, emitindo uma espécie de grunhido. Lynnae estava tremendo quando o viu, a cozinheira tentou manter a cabeça calma. Felizmente, Nylsa estava limpando a despensa, senão, morreria de medo.

— Senhor, Gunnar, por favor. — Ele continuou a olhar à garota, que estava se esforçando apesar de suas dores, para

escapar dos braços da velha. Mas ela não podia deixa-la ir, já que seu senhor parecia determinado a levá-la embora, ou assim parecia, e qualquer um sabia com quais intenções.

— Sir, ela está doente, ela chora porque ela sofre de dor severa, ela não consegue ficar de pé. É urgente colocá-la na cama. — Ele assentiu e começou a sair da cozinha.

— Venha, — Gunnar fez sinal para ela segui-lo. Ela fez, segurando quase todo o peso daquela pobre menina, que não pesava mais do que um passarinho. Lynnae resistiu por momentos, até que ela disse carinhosamente:

— Quieta, eu o conheço bem, nada vai acontecer, ele só vai nos acompanhar — Lynnae respirou fundo, tentando se acalmar para evitar a maior parte da dor, sem conseguir. Ela nunca havia sentido nada parecido, era como se alguém estivesse enfiando uma faca em suas costas.

Ela se sentiu pior desde que viu o homem, que tentara agredi-la no dia anterior. Embora não tivesse ouvido toda a conversa, ela percebeu que ele não era soldado, como ela pensara a princípio, mas, o dono da casa. Seren o chamou de senhor em várias ocasiões.

Então devia ser o mesmo com o qual ela estivera conversando algumas horas antes e emprestara o livro que ela carregava na bolsa. Sua cabeça estava girando a partir da descoberta, tentando adivinhar o que ele pretendia. A tensão que sentiu fez a dor nas costas piorar. De repente, sua perna esquerda falhou e ela caiu sem que a velha pudesse segurá-la. Ela estava ajoelhada, as mãos descansando no chão, e lágrimas rolando, queimando, pelas suas bochechas.

Gunnar se abaixou diante dela e, carinhosamente, acariciou seu rosto, ele a viu chorar. Naquele momento, ela só conseguiu ver sua parte boa rosto, a outra, a queimada, escondida diante dela, afastando-se, como se estivesse envergonhado. Ela olhou para os olhos sem conseguir evitar ter medo, e ela pensou ter visto dor neles, observando sua reação. Ela se sentiu confusa. Tudo o que aconteceu, juntamente com a fraqueza por não ter comido nada além do mingau naquela manhã, e a tremenda dor que ainda sentia a deixou tonta e precisou baixar a cabeça.

Ela teria caído de cara no chão duro de pedra, se não fosse por Gunnar que a tomara em seus braços. Ele se levantou com ela, sem esforço, feliz por poder carregá-la assim, mesmo naquelas circunstâncias. Ele continuou andando até o aposento ao lado do dele, e que Gunnhild havia usado algum tempo atrás. Fazia meses desde que ela havia mudado para outro, do outro lado da casa, porque ele disse que havia mais luz. Ele sabia que a verdadeira razão era não querer tê-la por perto, porque ela estava zangada com ele.

Finalmente eles entraram no aposento, Seren estava mordendo os lábios, preocupada com o que a moça diria, se ela descobrisse quem o homem havia alojado ali. Todos sabiam que não havia nenhum relacionamento íntimo entre eles, mas Gunnar nunca lhe parecera tão cruel para colocar uma mulher que ele queria em casa, muito menos no aposento ao lado do dele. Mas desde um longo tempo, ele se tornara desconhecido, não era o mesmo homem com quem ela começou a trabalhar anos atrás.

Gunnar, com a moça nos braços, junto à cama, disse:

— Seren ajude, — a velha atendeu e, a um gesto dele, abriu a cama para ele conseguir deitá-la.

— Está frio, vou acender a lareira. — A mulher assentiu, preocupada com a aparência da menina, ela não abriu os olhos, parecia ter desmaiado nos braços de Gunnar, talvez por causa da dor. Aproveitando-se do fato de que o homem estivesse de costas, ela a despiu o melhor que pode, e tentou colocá-la de lado, mas, embora fosse muito magra, ela não conseguia, suas mãos estavam muito fracas por causa da idade.

Gunnar a surpreendeu novamente falando com aquela voz profunda, que parecia não pertencer a ele:

— Deixe-me, — ele se colocou no lugar dela e a colocou, do jeito que a velha queria. Então ele a cobriu novamente, como o melhor dos pais faria com um filho. Seren o olhou boquiaberta, inclinou a cabeça para ver seus olhos novamente. Eles ainda estavam cheios daquelas faíscas que pareciam fogo azul, mas também transmitiam possessividade e um desejo estranho. A velha não entendia nada, mas não era ela quem perguntaria o que estava acontecendo ali.

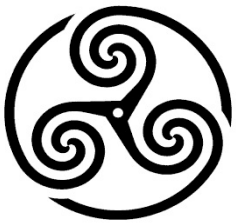
— Eu vou fazer uma infusão de casca de salgueiro. — Hesitou um momento antes de perguntar — Você ficará aqui com ela? Não é necessário, eu venho imediatamente. — O rosto dele ainda estava dominado por alguma emoção profunda, ela não achava correto deixá-lo sozinho, com aquela garota indefesa no aposento. Mas ele lhe lançou um olhar que a fez estremecer e sair. O viking continuou acendendo o fogo,

quando teve certeza de que não apagaria, levantou-se novamente e foi até a cama.

Ela estava muito pálida, ele franziu a testa enquanto se agarrava à cama para olhá-la, abaixou-se e cheirou o seu cabelo. Ele inalou profundamente, sim, era aquele cheiro que o estava enlouquecendo. Atraía-o como nada havia feito antes, nunca teria pensado que o sentimento de possessividade e o desejo fosse tão forte.

Seu pai, Erik, o havia avisado, contando sobre o que ele sentiria por sua parceira, se ele tivesse a felicidade de encontrá-la. E para que se preparasse, porque não era parecido com nada que tivesse sentido até então.

Lynnae gemeu ainda sem acordar. Ele colocou a mão na cabeça e acariciou-a gentilmente, ela então relaxou sua expressão, e o homem sentiu como se tivesse alcançado um feito. Sua vida estava uma bagunça e ele precisaria resolver muitas coisas, mas o que estava claro era que eles estavam destinados um ao outro.



CAPÍTULO V

— Estamos aqui, — Seren entrou seguida por Nylsa, a quem ela pediu que a acompanhasse. Embora ela nunca reconhecesse, ficou um pouco assustada com a atitude de Gunnar. Elas trouxeram vários potes e tigelas, que deixaram na mesa, ao lado do fogo. Ele assentiu e decidiu deixá-las sozinhas para que pudessem trabalhar, e havia algo que ele queria esclarecer antes que o tempo passasse.

Alfred já estava no quintal, revendo o trabalho que seus aprendizes haviam feito um tempo antes. Os meninos ainda não haviam chegado. Quando ele viu o senhor, ficou tenso e esperou na montanha de pedras, que Gunnar dissesse a ele o que queria. Ele se curvou para ele parecendo preocupado. Não era reconfortante que o dono do castelo fosse vê-lo, geralmente qualquer assunto de seu trabalho era tratado com Äsmund, o senescal.

— Você é Alfredo, não é? — O homem assentiu sem se atrever a falar, sempre tivera muito medo de Gunnar. Mas o rosto que ele mostrava hoje era o pior que ele havia visto.

— O que aconteceu esta manhã com Lynnae? — O mestre artesão parecia confuso, como se não soubesse sobre quem ele estava falando. Gunnar, impaciente, ficava perguntando. — Vou lhe perguntar de outra maneira, ela sofreu um acidente aqui, enquanto estava trabalhando? — Depois de perguntar, ele observou que o pedestal em que ela trabalhava estava vazio, sem a pedra. Surpreendeu-o, eram enormes pedras de granito, que deveria ser incrivelmente pesada.

— Nada aconteceu, senhor. Ela está trabalhando aqui, mas é muito fraca. É a primeira vez que vejo uma garota que é dedicada a esse trabalho, eu a tratei igual a todos os aprendizes, se disse qualquer história do contrário... —Gunnar o interrompeu, controlando-se para não bater nele. A culpa era somente sua, ele a colocou em perigo, colocando-a para trabalhar sob as ordens daquele idiota.

— Apenas me diga o que aconteceu. — Ele não acreditava que poderia aguentar muito mais, o homem deveria ter notado que era melhor para sua saúde não mentir.

— Estou dizendo a verdade! — Sua voz era muito forte, como se estivesse começando a pensar que ele não se sairia bem com a situação. — A única coisa que notei estranho foi que parecia ter uma dificuldade de deixar a pedra que havia terminado na pilha. Então era hora de comer, e todos nós saímos, então não posso lhe contar mais. — Gunnar olhou para a pilha de pedras, um homem forte teria dificuldade em levantá-las.

— Você a fez carregar a pedra sozinha? — Ele avançou sobre o homem determinado, mas alguém agarrou seu

antebraço. Niels, seu amigo, lançou-lhe um olhar reconfortante, seus olhos cinzentos como aço. Ele era um homem calmo, loiro e alto, embora não tão alto quanto Gunnar, e esse provavelmente seria a única pessoa que se atreveria a ficar em seu caminho, quando ele estava assim.

— Amigo o que há de errado com você? — Niels conhecia suas circunstâncias, já que ele também vinha de uma longa linha de berserkers. Ele reconheceu imediatamente que estava prestes a atacar, então ordenou ao homem:

— Vá embora! — Alfred fugiu sem se atrever a questionar a ordem e sem olhar para trás. Gunnar rosnou furiosamente para o amigo, e mostrou os dentes. Com a bochecha queimada pela cicatriz, ele parecia um demônio prestes a atacar. Niels, apesar de conhecê-lo e saber o que estava lhe acontecendo, temia precisar lutar com ele, mas permaneceu firme na sua frente, tentaria fazê-lo raciocinar.

— Gunnar, — ele falou em voz baixa, tentando acalmá-lo para escutar, — não posso deixar você se descontrolar com aquele homem, agora você não pensa com clareza, e sabe. Quando estiver bem, outra vez de novo, faça o que quiser com ele. Para mim, se você o matasse com certeza você estaria certo. Isso é por causa da garota? — Gunnar assentiu e murmurou algo, que Niels entendeu como: enferma e compreendeu algo parecido com — culpa daquele imbecil; depois rosnou como um animal selvagem, ele estava sofrendo com muita dor.

Aquelas palavras confirmaram o que ele havia imaginado há muito tempo. Gunnar estava lutando contra a escuridão.

Estava muito preocupado com ele, vira-o mais vezes. De onde ele veio, na Noruega, as brigas entre berserkers das trevas eram comuns, mesmo até a morte. Para eles eram quase um esporte. Ele também sabia por experiência em sua família, que a morte era a única solução para esse problema.

— Gunnar, vamos entrar, — seu amigo assentiu com a cabeça, um pouco mais calmo.

Eles passaram pela cozinha, onde Seren estava ocupada, ela ficou surpresa ao vê-los, mas se acalmou um pouco quando viu que Gunnar adquirira quase a mesma aparência que apresentava normalmente.

— Ela acordou, dei-lhe uma infusão e estou preparando um cataplasma, que também aliviará a dor nas costas dela. — Gunnar assentiu e foi para o aposento. Niels sabia que ele não poderia acompanhá-lo, mas disse-lhe antes de deixá-lo sozinho no aposento da moça:

— Você precisa fazê-la sua mulher Gunnar, a escuridão está corroendo a sua luz, eu já vi acontecer antes. — Gunnar assentiu com um olhar desolado, antes que mostrasse para seu amigo o que ele realmente sentia.

Ele gostaria que fosse diferente, que ela o conhecesse e pudesse amá-lo como qualquer outro homem, mas não havia tempo. Ele abriu a porta do aposento, indo em direção à única esperança que conhecia, contra a maldição que estava devastando sua vida.

Lynnae o viu entrar e abriu a boca surpresa, mas não conseguiu se mexer. Ela acabara de tentar se levantar, e a dor a fez cair de costas na cama, respirando profundamente para

suportá-la. Seren havia lhe dado algo quente para beber, o que a deixava mais calma, e a dor parecia ter se acalmado um pouco. A bebida também a fez perder um pouco do medo.

Agora ela não lembrava por que aquele homem, com aquela cicatriz terrível no rosto, aparentava parecer perigoso para ela. Os olhos dele pareciam implorar por algo. Sim, ela se lembrava do que ele lhe fizera no dia anterior, franziu a testa, surpresa, porque não estava mais zangada ou assustada, mas seria assim mesmo. O que aquela infusão teria?

— Como vai você? — Ele pareceu hesitar antes de dizer o nome dela, — Lynnae, — disse num sussurro.

— Dói menos senhor — ela não entendia o que estava fazendo ali, em um aposento tão luxuoso, quando era apenas uma criada. Parecia fora do lugar... Assim que pudesse andar de novo, iria para o aposento onde dormira a noite passada.

— Você vai ficar aqui, — ele ordenou, sua voz soando exigente, autoritária, certamente estava acostumado a todos fazendo o que lhe dizia. Ela olhou para o fogo e estranhou, nunca havia dormido em uma sala onde havia fogo. Sentia-se estranhamente quente e eles colocaram uma pele nos lençóis. Ela estava ficando mais entorpecida, como se estivesse cercada por neblina. Ele se sentou ao seu lado, com uma expressão vigilante, como se quisesse cuidar dela...

Seren entrou na sala, e se ela havia ficado surpresa antes, agora estava muito mais. Seu mestre estava sentado ao lado da cama, observando a garota que havia adormecido.

Deixou as coisas que precisaria na mesa e foi para o outro lado da cama, para destapá-la e levantar a camisa. A garota

acordou e tentou se virar, mas a dor nas costas não a deixava. Ela gemeu porque não se lembrava da dor.

— Não se mexa. — Novamente seu comando soou autoritário e estranhamente tranquilizador, como se transmitisse segurança.

— Menina dócil, — ela se acalmou quando ouviu Seren, não a viu entrar, e não sabia quem estava tocando suas costas, sibilou com o calor em sua pele.

— Isto queima.

— É preciso queimar, você precisa aguentar tudo que puder.

Ele franziu a testa e se mudou à parte de trás, para ver com o que anciã a estava untando, torceu seu nariz, aquilo era nojento, não só parecia um papa repugnante, mas fedia, e parecia desprender muito calor.

— Você não vai machucá-la? — Seren olhou para ele, estava inquieto, mas ela não cuidava dos doentes por tantos anos, sem saber como se colocar em seu lugar.

— Não Gunnar, a coisa mais importante deste remédio, é manter o máximo de calor possível — colocou um pano sobre ele, e depois o amarrou com uma tira de pele, que cruzou a cintura — tente não se mexer.

Ele acomodou a garota. Lynnae assentiu preocupada. De repente, ela abriu os olhos, suas pupilas se contraíram tornando-se pequenas, quase toda a cor de seus olhos agora era dourada. Ela falou com Gunnar:

— Por favor, alguém pode ver meu mestre, ele está doente. — Seren respondeu:

— Perdoe-me garota com toda essa bagunça eu me esqueci de lhe contar. Eu fui vê-lo antes, e ele tomou um pouco de caldo. Mais tarde eu volto, mas você deve descansar.

— Muito obrigada Seren. — Lynnae exausta, fechou os olhos. Finalmente, ela parou de sentir dor e sentiu-se confortável e aquecida. Seus olhos se fecharam e adormeceu novamente.

A velha gesticulou para que Gunnar fosse até a porta para que pudessem conversar. Ele, mais calmo apenas por estar perto de Lynnae, fez isso e inclinou a cabeça para se aproximar o possível, devido a sua grande estatura perto da dela.

— Eu já vi pessoas assim antes, acontece quando elas recebem um forte golpe nas costas, ou quando elas fazem um grande esforço, — ela parou quando viu que o que disse o irritou.

— Continue, — disse-lhe, controlando-se, Niels estava certo, e ele decidiria o que faria com aquele artesão imbecil. Era bem possível que ele sempre tratasse os aprendizes daquele jeito, e ele nunca saberia se não fosse por ela.

— Ela deve se mover o mínimo possível, e precisa trocar o cataplasma, pelo menos duas vezes ao dia. Eu vou trazer junto com a comida, a infusão três vezes ao dia, e eu estarei esperando para ajudá-la no que for necessário. — Ele balançou a cabeça.

— Eu vou cuidar disso, você só me diz o que fazer. — A velha piscou espantada, mas não disse nada. Agora ele estava calmo e falava racionalmente.

— Muito bom senhor. Outra coisa, eu acho que deveria

saber, é que o velho que a acompanha está bem doente e é muito sério — a voz desceu um pouco mais — é do coração, eu estava ouvindo o batimento dele, e não parece bom. Eu acho que, se possível, deveria procurar um médico. Minha impressão é que ele não tem muito tempo, o pobre parece exausto. Além disso, ele está muito preocupado com ela, eles se amam muito.

— Eles são familiares? — Ela balançou a cabeça, então ele assentiu.

— Está bem, diga a Äsmund para avisar o médico para vir, que é meu pedido. Quando ele chegar, e depois de ver o velho, mande falar comigo.

Seren assentiu e pegou suas coisas, e foi embora. Antes de sair, ela perguntou:

— Também trago sua comida aqui?

Ele balançou a cabeça, não queria provocar Gunnhild mais do que o necessário. Ela já estava brava o suficiente, e seria pior quando ele dissesse a verdade, que eles terminariam. Enquanto ele não lhe dissesse, ele apareceria às refeições, onde costumavam se ver.

Ele sentou-se por um tempo ao seu lado e notou que ela movia a mão direita, que havia tirado debaixo do lençol. Ela teve um sono desconfortável, e ele lhe cobriu a mão com a dele, apertou-a suavemente.



Gunnar, que dormira com todas as mulheres que quisera e que nunca resistira a nenhuma, sentiu-se estranhamente

excitado somente por pegar a mão de uma jovem, como se fosse um adolescente imberbe. Ele sorriu ironicamente, segurando apenas a mão, sentindo-se em paz pela primeira vez, durante muitos anos.

Observando o cabelo quase branco que repousava no travesseiro, ele podia ver porque Seren havia estranhado quando a despiu. Suas sobrancelhas eram da mesma cor, e agora que ele estava tão perto, podia ver que os cílios, também eram brancos. Suas mãos, no entanto, estavam cheias de cicatrizes, cortes e eram mais escuras do que o resto de seu corpo.

Gunnar descansou a cabeça na mão dela pensativo, precisava convencê-la a confiar nele. Não foi em vão o melhor estrategista que o exército sueco teve, segundo o rei. De repente ele sorriu, a solução estava à sua frente desde o começo. Na guerra tudo valia a pena, e ele, tomou-a como uma batalha, a mais importante de sua vida. Muito mais feliz, ele se recostou na cadeira, observando-a em seu sono. Seus desejos podiam esperar até que ela estivesse bem.

— Acho que devemos trazer músicos, não acha? — Gunnar ergueu os olhos da sopa que estava tomando, distraíra-se, não sabia a que Gunnhild se referia. Ela olhou-o de mau humor, falara por vários minutos, enquanto ele respondia com monossílabos, ficou claro que não havia ouvido nada do que ela dissera.

— Gunnar, realmente, eu não sei o que está errado. — Ele ficou tenso perguntando se seria hora de dizer a verdade, mas poucos minutos antes, havia deixado Lynnae nos braços de

Seren, para dar-lhe o jantar e depois, seria ele a estar com ela por um tempo. Ele não queria que Gunnhild aparecesse lá e dificultasse a vida da garota. Quando ela estivesse melhor, resolveria as coisas de uma maneira diferente, mas, enquanto isso, precisava tentar esconder. Até então, ele morderia a língua para não gritar ao mundo que, finalmente, ele a encontrara.

— Desculpe Gunnhild, eu tenho a cabeça em outras coisas, você quer dizer a festa?

— É claro. E será na semana que vem e não temos divertimentos suficientes. Eu quero que seja a melhor festa da qual os convidados tenham comparecido, e que todos, incluindo o rei, pensem que somos os melhores anfitriões. Além disso, precisamos de todos os aposentos disponíveis. — Ele olhou por cima da tigela e a observou. Ele não entendeu o comentário sobre a quantidade de aposentos no castelo. Vendo o rosto dela, começou a suspeitar.

— Todos? — Ele não se lembrara daquela maldita festa, se fosse por ele, não seria celebrada.

— Sim, lembre-se que quando o rei vem você precisa sair do seu aposento, que é o melhor da casa, para ele passar a noite. Felizmente, é um caso estranho, mas os reis dormem juntos, por isso precisamos de apenas um para os dois. — Ela respirou fundo antes de dizer o que se passava por sua cabeça. — Eu pensei que, uma vez que os reis estejam aqui e você estará sem teto por uma noite sem um aposento, você poderia dormir no meu. — Ele sorriu, simplesmente porque não sabia o que responder. Dormir com ela era como se lhe pedisse para

fazer aquilo, com um peixe morto, ambos o atraíam da mesma maneira.

Em sua cabeça havia apenas uma mulher, que, no momento, parecia temê-lo e odiar igualmente. Ele estava certo de que, se ele fosse por ela, sairia correndo logo que estivesse bem, e, então, nunca mais a veria, mas pensava em se certificar de que ela não o fizesse. Assim que estivesse melhor, falaria com ela e usaria qualquer arma, qualquer que fosse para conseguir o que precisava o mais rápido possível.

Agora ele possuía uma que não teria escrúpulos em usar. Não era capricho, era sobre ele sobreviver e manter sua mente lúcida também.

Terminou o jantar e, assim que conseguiu, discretamente escapou para vê-la. Seren trouxera o jantar, e ela ainda estava sentada na cama, enquanto a ajudava a se endireitar para beber outra infusão. A garota olhou para ele, surpresa, vendo-o lá novamente. O efeito da infusão anterior passou, e ela estava lúcida novamente, pelo menos até que a próxima fizesse efeito. Ela percebeu que adquirira uma grande dívida com aquele homem estranho, que parecia preocupado com ela, surpreendentemente perigoso e igualmente atraente.

— Como vai você? — Ela mordeu o lábio de dor, quando caiu para trás. Seren assegurou-lhe que o único caminho para passar a dor era beber o chá. Foi uma resposta ao comentário que ela fez, dizendo que não queria bebê-lo novamente porque se sentia atordoada.

Quando ficou deitada, ela conseguiu responder, embora sua voz fosse apenas um sussurro rouco.

— Estou melhor, obrigada senhor. — Ele assentiu, de pé diante dela, as mãos cruzadas atrás das costas. Ele estava olhando-a com tanta intensidade que ela virou o olhar para o fogo, incapaz de sustentar aquele olhar ardente.

— O médico está, agora, checando o velho que veio com você, Käresson, você me disse que seu nome é esse? — Ela assentiu incerta, não entendeu por que haviam chamado um médico para um simples criado. Mas por qualquer motivo, ela se sentiu muito grata.

— Por favor, diga-me o que ele tem e em termos que devem ser ditos, e muito obrigada por tudo. — Seren saiu do aposento, era melhor ir embora, ela achou que não poderia ouvir mais sem explodir, não gostava do que estava acontecendo ali.

O cavalheiro sempre parecera um bom homem, rude, um pouco selvagem, mas com um bom coração. Mas desde que ele havia visto aquela garota, parecia não haver limites para o que ele poderia fazer para obtê-la. Mesmo usar a doença grave de um homem velho.

— Não se preocupe com isso, — os olhos, brilhantes com aquela chama azul queimando dentro dele, a hipnotizavam, — basta pensar em se recuperar, isso é tudo que eu peço. —Agora ela parecia intimidada, sabia o que ele queria, e sabia que não era um preço demasiado elevado à saúde de seu mestre, mas ela sentia medo. Se ele fosse um homem menor, mas era gigantesco, ela se sentia muito pequena ao lado dele...

— Está tudo bem. — Ele aparentemente tentava ganhar tempo, e até que ela ficasse bem, ele não exigiria nada.

Ela começou a sentir, outra vez, que a cabeça estava um pouco afetada pela bebida da velha. Sentiu o desejo de sorrir para ele, mais uma vez algo se foi, e ela sorriu. O coração de Gunnar pulou dois segundos quando viu que ela estava lhe sorrindo. Aproximou-se da cadeira que lhe estava esperando e, aproveitando-se da boa disposição que a infusão dava a ela, sentou-se ao seu lado.

— Você passa muito tempo nas estradas com seu mestre? — Ela parecia aturdida, não sabia que pergunta era aquela. Tentou se lembrar, mas não sabia exatamente, naquele momento, quanto tempo estivera na rua, ela só sabia que o mestre a havia salvo.

— Ele é o melhor homem que existe na terra, ele me salvou da rua. Ele me ensinou tudo o que sei. Eu não saberia viver sem ele. — Gunnar, apesar de ser um homem equilibrado e adulto, em circunstâncias normais, sentiria inveja, percebendo o amor que ela sentia pelo velho.

— Eu entendo, mas acho que você não é da família.

Ela balançou a cabeça, a mão escorregando dos lençóis, pendurada na cama. Ele a elevou para deixá-la novamente ao lado de seu corpo, mas antes de devolvê-la, ele não conseguiu deixar de beijá-la na palma. Ela ficou surpresa ao sentir aquilo, ninguém havia beijado sua mão antes.

— Não. — Ela respondeu o melhor que conseguiu, àquele simples beijo a deixou nervosa, — mas eu não poderia amá-lo mais se nós fôssemos. É por isso que é tão importante para mim que ele fique curado, — ela decidiu falar. — Senhor, eu farei o que for preciso para ele ter o melhor atendimento, por

favor, eu imploro.

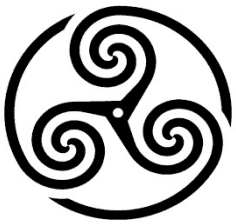
Ele não suportaria ouvi-la implorar, ela não precisava fazer isso, era obrigação dele fazê-la se sentir melhor.

— Eu lhe disse para não se preocupar, você terá tudo o que precisa. Você receberá todo o cuidado que o médico receitar, como se fosse da minha própria família.

Ela sorriu tremendo, lágrimas de gratidão surgiram em seus olhos, mas ele não terminou.

— Quanto ao que você precisará fazer para pagar por tudo isso, vamos falar sobre isso quando você se sentir melhor. — Ela assentiu conformada, tremendo só de pensar em deixar aquele grande homem tocar seu corpo, como ele já havia feito.

Mas ela lhe dissera a verdade, faria qualquer coisa, para quem quer que fosse, para que seu mestre tivesse o melhor atendimento, e sentia-se grata por ter a oportunidade de fazê-lo.



CAPÍTULO VI

Gunnar estava sentado no salão junto à lareira, havia dado ordem de que o médico viesse vê-lo após ter terminado sua visita. Bebia hidromel, observando Gunnhild, que falava com uma das donzelas, uma que estava correndo meio enlouquecida com alguma coisa sobre a odiosa festa, ele sabia que se anunciavam problemas. E quando ela visse o médico quereria saber por que ele estava ali, e então, precisaria lhe contar a verdade. Cedo ou tarde ela precisava saber e ele preferia ser ele a contar. Afortunadamente, as duas mulheres saíram para buscar algo nos aposentos de Gunnhild, e pouco depois, apareceu Hansel, o médico.

Era um homem de meia idade, cabelos grisalhos e curtos, e intensos olhos verdes. Quando avistou o dono da casa, foi diretamente até ele. Gunnar lhe fez um gesto para que se sentasse. Não apresentava uma boa cara, serviu-lhe uma caneca de hidromel, que o outro homem tomou com vontade e bebeu a metade antes de falar.

— Ele está bastante ruim, o coração, sem dúvida..., porém

também tem os pulmões com muito líquido. Eu já disse para Seren como deve deixar a cama para que ele respire melhor. Pouca coisa mais pode ser feita por. Ela vai colocar um pouco de seus unguentos e lhe farão tanto bem como se fosse um dos que eu mandasse.

— Ele vai morrer logo? — O médico balançou ou ombros.

— Não posso dizer quando, porém, não lhe resta muito tempo. Gunnar, eu sei que não é assunto meu, porém nos conhecemos já faz bastante tempo e tenho uma curiosidade. O que você tem a ver com aquele homem? — Hansel, o médico, era um bom homem não havia razão para não lhe dizer a verdade.

— Ele é a família de uma mulher de quem eu estou interessado. — O médico quase deixou cair à caneca.

— Eu acreditava que seu relacionamento com Gunnhild era definitivo. Você planeja ter outra mulher junto com ela? — Gunnar o olhou atentamente, não parecia que aquela pergunta era por simples curiosidade.

— Está interessado? — Hansel encolheu os ombros, porém ruborizou envergonhado. Hesitou por um momento, se continuava mantendo a fachada de indiferença de todos aqueles anos, ou diria àquele homem que sempre pensara ser justo, aquilo que sentia no fundo de seu coração.

— Sim, Gunnar, eu estou. — Agora foi à vez de Gunnar de ficar com a boca aberta.

— Como? Como é possível? Você conhece Gunnhild por toda a vida. Por que nunca lhe disse nada? — Hansel encolheu os ombros outra vez, não sabia como explicar diante de outra

pessoa aquilo que não tinha explicação nem para ele. Gunnhild e ele haviam nascido naquela ilha, e foram criados como irmãos. Ele sempre estivera apaixonado por ela, mesmo quando sabia que ela não possuía os mesmos sentimentos.

— Não posso explicar quando nem eu entendo. Somente sei que eu a amo desde sempre, e que já havia renunciado a tê-la, porém se você vai deixá-la… — Gunnar o olhou descontente consigo mesmo. Parecia uma falta de respeito falar de sua concubina, as costas dela, com outro homem.

— Hansel, permita que primeiro eu fale com ela, depois se quiser pode dizer-lhe que você está interessado nela… — o médico assentiu feliz.

— Gunnar, eu lhe agradeço muito. Sempre soube que você não a amava. Perdoe-me pelo que vou lhe dizer, sei que você gosta dela, porém não a quer como um homem deve querer uma mulher. — Gunnar decidiu não responder, queria que ele terminasse de explicar o que poderiam fazer pelo ancião.

— De qualquer maneira, Hansel, existe alguma coisa a mais que possamos fazer por aquele homem? — o médico, com a mudança de assunto, balançou a cabeça como negativa.

— Não, somente se pode procurar que ele esteja o mais cômodo possível. Já expliquei a Seren o que é melhor para ele comer e poder ajudá-lo, e também os remédios. Se precisar me chamar, por favor, faça-o, de qualquer maneira voltarei para vê-lo amanhã.

Gunnar ia dizer algo, porém Gunnhild apareceu no salão, sozinha daquela vez, e ergueu as sobrancelhas ao ver Hansel. Aproximou-se dos dois com um passo rápido.

— Hansel, bom dia! Não o esperávamos não? — Olhou com desconfiança para Gunnar que assentiu com seriedade.

— Eu mandei chamá-lo, há um trabalhador doente. — Gunnhild estranhou mais ainda, era muito raro que se chamasse um médico por um servo, e mais ainda que fosse mandado chamar por Gunnar. Normalmente era um trabalho que ela se encarregava. Olhou Gunnar a ponto de perguntar algo, porém o que ela viu naquele olhar lhe disse que se conformasse com aquela explicação. Não quis saber mais nada naquele momento, e ficou junto aos dois homens falando sobre o único assunto do qual ela queria falar por aqueles dias, a festa, à qual Hansel também estava convidado.

O médico se foi, minutos depois deixando entre os dois um incômodo silêncio. Gunnhild se levantou disposta a sair, ela tinha muito no que pensar.

— Gunnar vou à cama, estou muito cansada. — Porém ele não deixou que ela se fosse, pensava que seria melhor enfrentar os problemas o quanto antes.

— Gunnhild, por favor, sente-se, quero falar com você. — Ela resistiu, esperava aquela conversa já fazia meses, mas não queria tê-la.

— Gunnar, não pode esperar até amanhã? Estou realmente cansada.

— Sinto muito, mas não. Por favor, será pouco tempo. — Ela se deixou cair derrotada no sofá, e esperou com a cabeça baixa, e as mãos unidas sobre seus joelhos.

— Gunnhild, quando falamos de que você viveria comigo, eu lhe disse que procurava a mulher adequada para mim... —

ela o interrompeu.

— Você me falou sobre uma que lhe estava destinada, — ela se recordava perfeitamente daquela frase, e a levava cravada em seu coração, porque sabia que a mulher não era ela.

— Sim, é possível, bem... com o tempo, eu... — ele não sabia como continuar, olhou-a, porém ela não levantava os olhos, — creio que nós dois fomos sinceros, nós temos dado conta de que não estamos destinados um para o outro. — Ela o olhou tensa, esperando a frase definitiva. — Você é uma mulher preciosa, pode conseguir o homem que quiser, porém... — Ela voltou a interrompê-lo.

— Porém não a você, não é verdade?

— Não, e creio que, para nós dois, é melhor que eu seja honesto.

— Você encontrou alguém? — Ela fez aquela pergunta por que estava segura de que a resposta seria negativa, mas ao ver a cara de arrependimento dele, supôs que havia se equivocado.

O rosto de Gunnhild se transformou em uma máscara de raiva, a felicidade que havia sentido em sua vida, até aquele momento, evaporou-se como se nunca houvesse existido.

— Exijo que me diga quem é ela! — Gunnar focou rígido ante os gritos dela, até agora a sempre tranquila e agradável Gunnhild parecia uma das putas do povoado. Agora foi ele que a olhou assombrado, ela gargalhou alto, ao ver a expressão de surpresa dele.

— Os homens são todos iguais e tolos. De verdade acreditava que eu não saberia das vezes em que foi ao povoado

com teus amigos para ver as putas? — A risada se entrecortou com um soluço, o que fez com acalmasse em parte, e enfado que Gunnar estava começando a sentir.

— Gunnhild, — ele tentava manter seu tom de voz baixo, ainda que o que lhe apetecia era devolver seus gritos, — desde o princípio fui claro com minhas condições, eu lhe disse que você teria liberdade absoluta e que não se envolvesse com meus assuntos. E você aceitou, entendeu perfeitamente o que eu quis dizer.

— Claro que eu entendi, mas naquela época você era para mim somente um viking a mais, com o rosto deformado, que possuía muito dinheiro e poderia muito bem me manter. Eu gosto de coisas caras, não posso evitar e com você eu vivia como sempre havia sonhado. Porém já faz tempo que isso não tem sido suficiente. — A verdadeira Gunnhild apareceu diante dele, com lágrimas silenciosas caindo de seus olhos.

— Não sei dizer quando aconteceu, porém, me apaixonei por você. Por isso, cada vez me parecia mais difícil, continuar com nosso acordo. Custava muito para eu não perguntar aonde você ia cada vez que saia. Qualquer mulher que você escolha não vai ser tão generosa como eu.

— É possível que você tenha razão, porém a decisão já está tomada. — Ele se calou ao ver a expressão de terror que apareceu em sua face.

— Por favor! Pense por alguns dias! Pelo menos até depois da festa! — Ela sabia que ele estava a ponto de pedir-lhe que se fosse, e para evitar, somente lhe ocorreu utilizar a festa, mesmo que agora não lhe importasse mais nada.

— Eu trabalhei tanto! Eu me magoaria muito de não poder estar nela como anfitriã.

Gunnar hesitou um momento, porém concordou. Seguramente ele não sabia nada daquilo. Ainda que fosse contra sua forma de pensar, ele sabia que aquele rompimento poderia lhe trazer problemas, então tentaria aguentar mais uma semana.

— Está bem, até a festa, porém depois Gunnhild, você deverá ir. Claro que você não precisará se preocupar com sua situação financeira. — Ela assentiu rígida, mesmo que interiormente, estivesse fazendo planos para que ele mudasse de opinião. A primeira coisa seria saber quem era a mulher que ele havia encontrado, depois ela arrancaria o cabelo dela, antes de expulsá-la a chutes dali.

— E não se meta em meus assuntos. — Ela voltou a concordar sorrindo com naturalidade, ainda que pensasse em inteirar-se de absolutamente tudo.

— Bom, se não tem mais nada para me dizer, eu vou à cama. — Gunnar esperou até que ela se retirasse. Então foi para seus aposentos onde colocou uma roupa mais confortável para dormir, e depois entrou no aposento de Lynnae.

Abriu aporta tentando não fazer nenhum ruído. A lareira ardia com um fogo vívido no aposento, Lynnae, apesar daquilo parecia sentir frio, já que estava enrolada debaixo das cobertas. Ele se sentou em uma cadeira junto à cama, tentando senti-la mesmo que fosse através das cobertas.

Suas caricias não estavam motivadas pela luxúria, e sim pela necessidade de transmitir segurança, seu instinto lhe dizia

que ela não necessitava de mais nada, naquele momento.

O lobo o perseguia raivoso, cada vez estava perto, queria mordê-la, e arrancar a carne dos ossos, até deixar somente o esqueleto. Lynnae o olhou nos olhos, estavam intensamente azuis, e lhe recordavam alguém. Ela hesitou um momento, e esticou a mão para tocá-lo, então, o lobo se acalmou, e ele se sentou ao lado dela esperando a carícia.

Ela não podia acreditar que ele fosse tão suscetível com aquilo, ela simplesmente devia deixar de fugir, para conseguir que ele se acalmasse e assim não a atacaria. Abriu os olhos sentindo que havia descoberto algo extremamente importante, mesmo que não tivesse ideia do que era, e viu Gunnar olhando-a fixamente com os olhos bem azuis. Ela, mesmo meio adormecida, esticou a mão para ele, e ele sorrindo se inclinou para ela poder tocá-lo, e ela acariciou a face ferida.

Ela o tocava no lado queimado, ninguém o havia tocado ali, nunca. Lynnae continuou sorrindo enquanto o acariciava, de repente, ela deixou de ter medo. Ele se aconchegou em frente a ela e colocou o rosto entre suas mãos, beijando-a docemente, ela admitiu que aquele beijo tão suave, encantara-a. Parecia que tudo fazia sentido, era normal que ele a beijasse, acariciou seu cabelo, era macio e brilhante, e deslizava entre seus dedos.

— Espero que quando passe o efeito da infusão, não penses que isto é uma loucura. — Ela não podia falar, além disso, não precisava falar. Desde quando era necessário responder durante um sonho?

— Você está melhor? — Ela assentiu, não sabia a que ele

se referia, porque não lhe doía nada. — Estou muito bem, porém sinto frio.

— O fogo está aceso, posso colocar outra pele por cima, para esquentá-la. — Ele a olhou pensando se deveria dizer-lhe o que lhe havia ocorrido. — Ou posso aconchegar-me junto a você para aquecê-la. Asseguro que não acontecerá nada, pode confiar em mim, sei que está doente. — Ele sentia a garganta seca somente de pensar que ela o desejaria deitado ao lado, ele a abraçaria durante toda a noite.

— Não tenho medo, deite-se, por favor. — Mostrou-lhe a cama em frente a ela, porém ele se colocou atrás dela, queria que sentisse o mais próximo possível o calor do fogo. Tirando as botas, deitou-se por cima das cobertas, não acreditava que poderia se controlar de outra maneira.

E quando a abraçou pela cintura sentiu o cheiro de seu cabelo, era doce como ela. Lembrou-se que precisava lhe perguntar uma coisa para saber o que ela pensava e até agora não havia encontrado o momento adequado.

— O que lhe aconteceu nesta manhã? Como você machucou suas costas?

— Ela quase não ouviu, pois já estava adormecendo, porém ele insistiu chamando-a.

— Lynnae! — Ele a chamou suavemente para que respondesse e ela respirou fundo e respondeu depois de alguns segundos.

— Eu não sei... ao pegar uma pedra para levá-la até o monte eu senti uma grande dor. Porém até que eu tivesse parado de trabalhar não havia me dado conta que não podia

ficar ereta.

— O mestre artesão a obrigou a levantar aquela pedra? — A raiva contida naquela pergunta a fez pensar que de sua resposta dependia de algo ruim acontecer àquele homem. Não podia ser a culpada daquilo, certamente teria uma família que dependia dele.

— Não, é o que fazem todos os aprendizes, ele não me tratou pior do que os demais. — Ela mentia, ele sabia, porém, decidiu deixá-la quieta. O mais importante era que ficasse curada.

— Está bem, durma. — Ela respirou fundo e ele notou que seu corpo ia relaxando até ele supor que ela havia adormecido. Naquele momento, sua respiração acompanhando a dela. Fechou os olhos, colocou a mão em sua cintura, sentindo-se muito bem e dormiu quase em seguida.

Ela só despertou depois de ter dormido a noite toda. Quando tentou se levantar e suas costas responderam com uma dor aguda, mas voltou a tentar com mais cuidado. Quando conseguiu sentiu-se muito orgulhosa. Era verdade que não estava toda ereta, porém conseguia andar se o fizesse muito devagar. Quase alcançando a porta quando a voz dele lhe disse que parasse.

— Aonde vai? — Gunnar a olhava da cama com o cabelo revolto, barba revolta e olhos inchados. Ele não parecia bravo somente curioso. Ela enrijeceu, ao recordar que ele havia dormido ali com ela.

— Quero ver a meu mestre, faz muito tempo que não o vejo. — Ele franziu o cenho, não parecia uma boa ideia. Ela

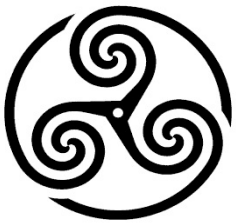
teria muitas dores, bastava ver como ela andava como se fosse uma velha. Ele se levantou com um impulso e se aproximou dela.

— Precisa descansar, não pode andar porque ainda sente dores descanse. — Ele se esforçou para que sua voz não soasse autoritária, para convencê-la.

— Estou muito melhor. — Ele sorriu terno ao ver como ela tentava enganá-lo. Inclusive enquanto estava encolhida, nem conseguia ficar ereta. Ao ver que ele não cederia, ela insistiu. — Por favor. — Gunnar se sentiu desarmado ao escutar aquela simples frase. Nada, nunca, tivera tal poder sobre ele.

— Está bem, faremos uma coisa, chamarei Seren para que lhe traga o cataplasma e a infusão, se você tomar tudo e eu ver que você está melhor eu mesmo a levarei. Nunca vai recuperar se não tomar os remédios, e não fizer o que o médico lhe disse.

— Está bem. — Ela inclinou a cabeça, sabia que devia estar agradecida, porém sempre fora ela quem decidira sobre sua vida. E naquele momento teve a sensação de que aquilo deixava de ser assim, talvez para sempre.



CAPÍTULO VII

Lynnae carregava a comida de Käresson sem ser tocada, ele nem sequer havia provado. Ela tropeçou com o vestido ao voltar à cozinha e apertou os dentes enquanto levantava a bainha para não voltar a pisar nela. Seren lhe havia dado aquele vestido no dia anterior, e umas sapatilhas. Aquelas coisas estavam quase novas.

O ruim era que ela não estava acostumada a usar saias. Desde que conseguia se lembrar sempre usara calças. Estava muito agradecida por como a tratavam e cuidavam de Käresson, especialmente Gunnar. Todavia ele ainda não havia pedido que se deitasse com ele, mesmo estando muito melhor e ela deixava de se preocupar com quando ele pediria. Na cozinha Seren falava com Nylsa, e ela sorria escutando.

A moça se dirigiu para Lynnae sorridente e pegou a bandeja de suas mãos para levá-la até a pia de lavar a louça. Tentou que ela não fizesse, porém foi inútil. Tornaram-se amigas durante sua enfermidade, já havia se passado uma semana desde que ela havia sentido aquela dor tão forte nas

costas e fazia dois dias que se encontrava muito bem.

— Ele não comeu? — Seren também parecia preocupada.

— Eu nem sequer conseguiu que ele ficasse acordado o tempo suficiente para lhe falar. Seren eu creio que ele está pior. — A anciã encolheu os ombros.

— Chamaremos o médico, não se preocupe mais, agora mandarei alguém para que vá ao povoado para buscá-lo. — Ela assentiu sorrindo e sorriu para Nylsa, que segurou sua mão, tentando consolá-la.

— Obrigada Nylsa, você é muito boa. — A moça ficou ruborizada de prazer, Lynnae era a única amiga que ela tivera. E ainda que não pudesse falar, conseguia se fazer entender perfeitamente. Seren lhe havia dito que ela não era muda, mas lhe contou que sentia que havia acontecido alguma coisa anos antes, e desde então ela deixara de falar. Mas Nylsa parecia feliz se comunicando à sua maneira.

— Sente-se e coma. — Mas ela não conseguia, precisava sair dali e dar um passeio. Desde que havia se levantado naquela manhã parecia que sufocava, como se não conseguisse respirar bem. Sentia-se presa, ela nunca estivera tanto tempo em uma casa, mesmo que fosse tão grande como aquela, sem sair ao ar livre.

— Vou dar uma volta. — Seren a olhou com os olhos arregalados, anunciavam-se problemas. Ela possuía ordens de Gunnar de não a deixar sair dali.

Até o momento Gunnhild não sabia de nada, porque Lynnae estivera em seu aposento. Hoje era o primeiro dia que ela saia e somente havia se movimentado pela área dos

serviçais, e Gunnhild nunca aparecia por ali.

No dia seguinte se celebraria a festa, e Gunnhild, estava mais nervosa do que nunca.

Além disso, Lynnae, por ter ficado metida na cama por todos aqueles dias, não devia saber que Gunnar mantinha uma concubina.

Lynnae não deu atenção aos murmúrios de Seren, que dizia que ela não saísse por causa de uma estranha razão, mas mesmo assim, saiu ao pátio. Uma vez lá, deu a volta no castelo bem devagar, respirando profundamente o ar puro. Passou em frente ao canteiro de obras, sem dar atenção a Alfred, que a olhou com os olhos entrecerrados, e virou à esquerda seguindo a construção da muralha. Mais adiante havia alguns guardas que não lhe deram importância, pelo menos isto lhe pareceu e com um passo normal ela chegou até a beira do rio, onde se sentou. Olhou o rio correr sentindo-se triste, mas tranquila, havia muito no que pensar.

Todas as manhãs ela despertava com o braço de Gunnar rodeando sua cintura. Algumas vezes ela adormecia sem que ele estivesse ao seu lado, porém ao despertar ele sempre estava ali. Nesta mesma manhã, despertara sentindo-se feliz porque sabia que ele estaria na cama com ela.

Estava se acostumando com Gunnar, antes que ele despertasse, com cuidado havia pousado sua mão na dele, que era muito maior que a sua, e também mais suave. Então notou que cheirava seu cabelo. Ela se assustou com o prazer que sentiu e se levantou.

Na noite anterior ela havia se banhado no aposento. Ele

havia pedido que lhe levassem uma banheira que encheram com água quente como se ela fosse alguém importante. Nunca havia se banhado com água quente. Ele saiu enquanto Nylsa a ajudava e quando ela já estava vestida com a camisola, ele voltou.

— Maldita seja! Lynnae! — Ela se levantou, chateada, ao escutar como ele a chamava e notando a preocupação em sua voz. Ela nunca se sentira tão unida a ninguém, nem sequer a seu mestre. Porém não podia dizer, não era como se ele fosse se casar com ela. Sabia que não duraria, porém enquanto ele cuidasse de seu mestre e dela, e a tratasse bem, parecia-lhe um trato mais do que justo. Precisara fazer coisas muito mais difíceis em sua vida. Disso estava segura.

A vida daqueles que não possuíam nada era muito dura.

— Estou aqui! — Ela gritou para que ele soubesse onde estava. Ele se encaminhou até ela em seguida e aparecendo atrás de alguns arbustos. Em poucas passadas ele se aproximou dela e a abraçou com força.

— Não volte a sair sem dizer! — afastando-se dela, sentiu a necessidade de beijá-la e desta vez não se controlou. Ele a beijou como se pudesse imprimir em sua alma, que ela lhe pertencia, assim como ele lhe pertencia. Ele nunca mais seria livre mesmo que ela desaparecesse de sua vida. Passava as noites cuidando dela, feliz de poder fazê-lo. E o berserker se mantinha vigilante e tranquilo, esperando que ela estivesse bem para que seus corpos se unissem. Porém ela já não sentia nenhuma dor, ele sabia. E o berserker exigia sua posse.

Quando ele se deu conta de que ela se esforçava para se

afastar deixou-a, mas ainda a segurava pelos braços e lhe lançou uma olhada azul incandescente. Já não conseguia mais esperar, sentiu um rugido em seu interior que o fez se erguer agonizando e apertou os braços dela com muita força. Fazendo-a forçar uma careta de dor, porém ele não viu.

Lynnae ao ver seu aspecto, voltou a se sentir como no primeiro dia em que o havia visto, quando ele a atacou. Mesmo que no fundo soubesse que ele não a machucaria, naquele momento ela não foi capaz de pensar e ele muito menos. Ambos se deixaram levar por seus instintos. Ela de fugir, e ele de retê-la a seu lado. Quanto mais ela tentava se afastar mais Gunnar se indignava, ele grunhiu furioso, repetidamente, até que disse:

— Basta! — Ele a segurou ainda mais forte, porém ela continuava tentando fugir de seus braços mesmo que se machucasse.

Ao ver que era impossível, que ela não cederia ele decidiu colocá-la sobre um ombro e como ela começou a lhe dar chutes, deu-lhe um forte tapa na bunda para que parasse de fazê-lo. Então, ele deslizou rapidamente até a porta escondida na parte oriental da muralha, e em quatro passadas atravessava outra porta oculta desta vez na parede do castelo. Dali, o aposento mais próximo era o de Gunnar, ele mandara construir aquela entrada já fazia um ano, para que ninguém o visse quando ele voltava das farras com seus amigos.

Entrou em seu aposento e se voltando fechou o ferrolho. Foi até a lareira e sobre a pele estendida no solo deixou sua carga com cuidado. Ao ver que ela continuava brigando, ele

sorriu malvado, assim ela somente conseguiria excitá-lo ainda mais.

— Pare! — Ele segurou suas mãos somente com uma dele pela frente e com a outra mão desfez o laço que amarrava seus cabelos para soltá-lo. Lynnae, ao ver sua expressão, supôs que havia chegado o momento que ela tanto temera. Ainda que pensasse que teria aceitado a ideia, estava errada agora ela sentia tanto medo que se tornou irracional.

— Não! — Ela gritou, e ele curvou a boca com uma expressão amarga. Ele não havia pensado em forçá-la a nada, porém o ressentimento que sentia por ela o achar repugnante, fez-lhe tentar devolver o mesmo dano que ela estava lhe causara.

— Acreditei que você faria qualquer coisa por ele. — Sua voz carregava maldade, ela ficou quieta olhando-o com os olhos dourados arregalados em absoluto terror, por um momento havia se esquecido de Käresson. Sentiu-se a pessoa mais mal-agradecida do mundo por aquilo, então, toda a sua vontade de brigar desapareceu e ela inclinou a cabeça e murmurou:

— Tem razão, sinto muito. Farei o que você quiser e não resistirei. — Ele franziu o cenho apesar de não conseguir no momento pensar como um homem, não todo, mas sabia que não era isso o que ele desejava. Sem demora, soltou suas mãos devagar e se colocou atrás dela para desfazer os laços de seu vestido. Precisava fazê-lo com cuidado já que as unhas por causa da excitação cresceram curvando-se ao máximo, no furor da batalha. Mas desde que ele a havia conhecido, o berserker aflorava a qualquer momento, sem avisar.

Respirando fundo para se acalmar um pouco, conseguiu que, pouco a pouco, voltassem a se esconder atrás de suas unhas humanas. Finalmente, um pouco mais lentamente do que queria, ele conseguiu que o vestido caísse aos pés dela. Reposicionou-se novamente em frente a ela que ficara somente de camisa, ela olhava a parede em frente, porém esticou a mão e a tirou. Não o olhou em nenhum momento.

— Não tenha medo, não vou machucá-la. — Ela assentiu respirando fundo, já sabia que ele não era um homem normal. Sua voz havia mudado e seus olhos, que ela vira várias vezes, haviam se tronado outra vez daquele tom de azul brilhante. Era um azul vibrante e único.

Lynnae ficou quieta olhando o fogo tentando pensar em outra coisa. Pelo canto do olho ela o viu tirando a roupa, nunca vira um homem assim, e se ruborizou ao ver sua excitação, ela sabia o que os homens e as mulheres faziam. Ela vira os animais copulando, e sempre pensara que era muito selvagem e que deviam se machucar. Não lhe parecia nada atraente, porém isso não importava.

Gunnar sentia seu corpo vibrar, como se algum tipo de energia o percorresse desde a cabeça até os pés. Ele a olhou de frente, era belíssima, para ele a mais linda. Pegou sua mão direita e a levou até a cama, onde se sentou colocando-a entre suas pernas. Ali a enlaçou pelos quadris e beijou seus seios com paixão, lambendo-os depois. Desde que entraram no aposento ele tentava se controlar para não saltar sobre ela como um animal, porém não sabia quanto tempo aguentaria. Acariciou com suas grandes mãos as costas elegantes,

descendo até as nádegas e voltando a subir. Ele inclinara a cabeça dela até beijá-la suavemente no princípio, tentando-a, depois, começando a meter a língua em sua boca, porém ela mantinha os dentes apertados. Ele se afastou dela.

— Precisa abrir a boca.

— Por quê? — Ela parecia sinceramente surpreendida.

— Para que eu possa beijá-la.

— Você já está me beijando. — Aquele homem estava louco? Seria possível que ele quisesse mordê-la? Ela o olhou, desconfiada.

— Eu lhe asseguro que isto não é beijar, não como eu preciso fazê-lo. Não discuta, não sabe do que fala, faça o que lhe digo. — Ele ordenou e ela sentiu algo estranho percorrer seu corpo ao escutar aquela voz rouca. Deixou que ele se aproximasse de sua boca e voltasse a beijá-la, então abriu-lhe a boca. Ele gemeu ao meter sua língua nela, Lynnae deixou que ele invadisse sua boca, e notou como a sua mão direita deslizava por seus quadris até suas nádegas. Dali se moveu para a parte dianteira e a empurrou ligeiramente para chegar ao corpo dela. Ela abriu as pernas curvando-se a vontade dele, quase sem se dar conta.

A mão de Gunnar chegou ao ninho de pelos quase brancos e os acariciou por um momento, assombrado com sua suavidade, depois meteu em dedo eu seu sexo, foi difícil avançar, porém ele insistiu com cuidado. Ela estava seca, não podia penetrá-la assim, ele grunhiu já que não poderia aguentar mais. Fez com ela retrocedesse um pouco, para que pudesse se levantar e ordenou:

— Deite-se e abra as pernas. — Ela o olhou com os olhos muito abertos e mordeu os lábios assustada. Fez o que ele pedia, porém voltou a olhar para a parede oposta, de maneira que ele não pudesse ver seu rosto.

Gunnar se colocou de joelhos em frente aquele manjar que lhe era finalmente oferecido. Se ela não fosse tão inocente, ele uivaria de alegria, como o lobo que diziam que ele era. O berserker se remexia dentro dele, desejando que ela fosse sua. Passando suas fortes mãos por baixo de seus quadris ele levantou suas pernas e as apoiou em seus ombros, fazendo com que ela ficasse somente com a cabeça encostada na cama. Depois aproximou sua boca e começou a lambê-la, metia a língua dentro dela, como antes fizera com a boca e começou a mover-se. Segurando-a somente com uma mão, molhou a outra mão em sua saliva e começou a friccionar seu clitóris.

Lynnae não entendia o que acontecia, mas sentia algo estranho. Apesar da postura tão estranha em que se encontrava, o que ele estava fazendo era a melhor coisa que seu corpo havia sentido. Teve que virar a cabeça de novo para ele, para ver o que fazia, e aquilo foi à coisa mais excitante que havia visto em sua vida.

Conseguia ver somente os olhos de Gunnar, já que a boca estava tapada pelo seu corpo, ele continuava penetrando-a com a língua e estimulando seu clitóris. De repente, ela se convulsionou, seu rosto se transformou como se sofresse uma forte agonia. Gunnar não parou de estimulá-la até que deixou de sentir as contrações do sexo dela, e bebeu todo seu sumo. Quando tudo terminou, deitou-se outra vez entre suas pernas,

ele gostaria de poder falar com ela e tranquilizá-la, porém, já não podia esperar mais. Colocou-se em posição e a penetrou até o fundo, ela gemeu abrindo os olhos assustada.

— Senhor está me machucando! — Ele apertou os dentes, furioso, retirou-se e voltou a entrar, seu corpo exigia que a marcasse penetrando-a com força. A cama se movia devido aos fortes empurrões que ele dava. Lynnae mordeu os lábios fortemente, e virou o rosto sem conseguir suportar continuar olhando-o. Ele parecia furioso, aquilo não era suficiente,

— Olhe para mim! — Ela quase não entendeu o que ele lhe ordenara, e quando entendeu, recusou-se a olhá-lo. Então ele a obrigou puxando sua mandíbula com uma mão e deste modo girando seu rosto para ele.

— Sou eu, quero que veja quem a possui, você é minha, de agora em diante nenhum outro poderá tocá-la, nem roçar em você. Eu a reclamo para mim, estará sempre comigo. Até a morte e inclusive depois. — Ela negou com a cabeça, assustada com aquelas palavras. Isso fez com que ele sem deixar de movimentar os quadris enquanto continuava a invadi-la levantasse a cabeça e lançasse um uivo de fúria que deve ter sido ouvido por todo o castelo. Depois ele baixou a cabeça para beijá-la, mas ela virou o rosto para que ele não conseguisse.

— Atreve-se a resistir a mim? Acreditei que estava claro que não podia resistir. — Sua voz soou como uma ameaça.

— Você já me tem em sua cama, pode fazer o que quiser com meu corpo, porém beijar é algo que se faz com carinho. E carinho não se pode comprar.

— Como você se atreve? — Durante um momento pareceu

que ele a estrangularia, mas, então chegou a sua liberação. Ele se deixou cair em cima dela, com a cabeça metida na curva do seu pescoço, tentando recuperar a respiração.

Girou de cima dela, colocando um braço em cima de seus olhos, sentindo-se o ser pior do mundo. Notou que ela se movia e a viu se levantar para ir até a bacia para se lavar. Ele se levantou atrás dela.

Quando chegou ao lado dela, ela já estava com um pano úmido na mão, e procurava um lugar onde ter um pouco de intimidade. Ele lhe tirou o pano das mãos e a segurou pelos punhos. Voltou a sentar-se na cama, e a atraiu para ele, observando atentamente seu rosto. Parecia magoada, passou o pano suavemente, retirando uma mescla de semente e sangue que estava dentro dela. Ele a limpou profundamente, bem como as coxas que também continham um pouco daquela mescla. Quando terminou deixou o pano sujo no chão e a segurou novamente pelos pulsos. Notou que ela deu um gemido quando ele a puxou e observou mais atentamente vendo manchas roxas, com formas de dedos.

— Quem fez isto em você? — Ele perguntou furioso.

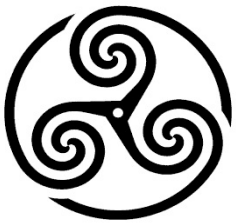
— Você. — Sussurrou ela. Ele a olhou atônito, mas puxando a memória ela estava certa, ele a havia puxado com muita força pelos pulsos, algumas horas antes. Ele os levantou até seus lábios para beijá-los, pesaroso.

— Sinto muito, farei com que não volte a acontecer. Lynnae imagino que me odeie, mas preciso que você entenda que isto não é um capricho. Você é minha companheira. Aquela que estava destinada para mim desde que nasceu inclusive

antes. Você é muito importante para mim e ficaremos juntos. Não lhe serei infiel nunca, nem a tratarei mal, eu prometo. Preciso que tenhas paciência comigo, sei que você é muito jovem, mas não se arrependerá do que fez.

Ela abaixou a cabeça confusa, parecia uma declaração, como se quase estivesse prometendo matrimônio. Agora ele estava mais tranquilo, seus olhos estavam violetas outra vez, e o semblante relaxado.

— Que diz? Dar-nos-á uma oportunidade? — Ela encolheu os ombros sem saber como responder. Ela enfrentaria o que a vida lhe preparasse como pudesse.



CAPÍTULO VIII

A festa estava muito alegre e todos os convidados pareciam se divertir a julgar pelos gritos que se ouvia. Não era habitual comparecer a uma festa com tal quantidade de bebida, comida e diversão. O rei Filip estava sentado no lugar de honra da mesa, onde habitualmente Gunnar se sentava acompanhado por este. Do outro lado do rei estava à rainha Rygnord, que conversava amistosamente com Gunnhild.

Esta parecia muito feliz olhando a sua volta, segura de que muito poucos convidados haviam comparecido ante a uma festa semelhante. Ela demorara meses preparando-a, primeiro teve que convencer Gunnar para celebrá-la, e quando conseguiu precisou fazer com que os reis comparecessem, assim, conseguiu que viessem nobres e até condes, inclusive de fora da ilha. Nada igualaria sua festa, nada! Ela respondia feliz, as perguntas da rainha ao ver que até seu vestido parecia mais luxuoso.

Havia contratado arlequins e saltimbancos que estavam fazendo a diversão dos convidados e também vieram do

continente. Gunnhild em um descanso da rainha olhou Gunnar para tentar adivinhar seu humor. Parecia um pouco enfadado, o rei, ao contrário, feliz, bebia um vinho espanhol que Gunnar guardava para as ocasiões especiais, e gritava golpeando a mesa ao compasso da música, como faziam os demais. Gunnhild abaixou a cabeça sem conseguir compreender, estava certa de que ele se daria conta do que ela havia feito e como havia trabalhado naquela festa e mudaria de opinião.

Por sua parte, Gunnar revirava a comida enfadado, o que fazia ali quando deveria estar com Lynnae. Precisava falar com ela, e explicar-lhe porque agia assim. Não queria que ela pensasse ser somente uma a mais, que somente servia para se retorcer na cama. Para ele, ela era muito mais que isso, mas quando estava com ela não era capaz de pensar racionalmente, sua inteligência se via reduzida ao mínimo em sua presença. Naqueles momentos, somente desejava marcá-la como sua e que nada, e ela mais do ninguém, pudesse duvidar a quem ela pertencia.

Olhou ao seu redor ela teria que estar ali com ele, ao seu lado, não era bom que tivesse que se esconder, olhou a porta que dava ao corredor que conduzia ao seu aposento. Com tanta gente levantando-se, já meio bêbados, certamente que ninguém se daria conta de que ele escapasse um momento... estava planejando como seria melhor fazer aquilo, quando escutou a voz do rei Filip, que o segurou pelo braço,

— Vamos amigo, não te faças de rogado! — Ele o olhou, e ao ver que ele chamava Gunnhild, ficou pálido. Não sabia o que

ele estava lhe pedindo até que ela se levantou e o rei lhe disse ao ouvido:

— Sua senhora quer dançar e eu lhe concedo que comece a dançar antes de nós, mas é somente porque se eu dançar com o que eu bebi, acabarei com minha pobre rainha no chão. — Achou engraçado o que disse, deu fortes gargalhadas e deu uma forte palmada nas costas de seu amigo para animá-lo. Gunnar, com um sorriso falso que não conseguiu evitar, levantou-se e foi até Gunnhild, ela ergueu a cabeça e esperou que ele fosse buscá-la. Estava disposta a lutar por ele até o final.



Lynnae já havia levado a ceia para Käresson, conseguira que ele comesse um pouco, e estivera bastante tempo com ele. Porém ele continuava dormindo, inclusive enquanto falavam, estava cada vez mais fraco. O médico voltara a vê-lo e lhe dissera que não podia fazer nada mais por ele. Ela também havia visto que ele estava pior, apertou os olhos para não chorar. Devia estar agradecida porque seus últimos dias foram tranquilos e felizes apesar de sua enfermidade.

Ela não queria desobedecer a Gunnar, mas, de seu aposento estava ouvindo ruído da festa e sentia muita curiosidade. Ele lhe dissera que não saísse dos aposentos e que ninguém deveria vê-la. Ela deslizou pelo corredor desejando observar as pessoas dançarem. Assegurar-se-ia de que não a vissem, porém queria ver como era uma festa de verdade, ela

nunca vira uma. Käresson lhe falara delas, ele fora a várias quando era jovem, e dizia que dançar era muito divertido.



Escondida na escuridão do corredor conseguiu ver um casal dançando no centro do salão, seguindo o ritmo da música. Eles dançavam muito bem, como se fossem um, ela se descobriu desejando ser aquela mulher. Era morena, usava um vestido maravilhoso e era muito bonita.

Em um dos giros que deram, conseguiu ver o rosto do parceiro, era Gunnar, ela levou a mão à boca para não fazer nenhum ruído. A música chegava ao seu fim e quando terminaram de dançar ele levou a mão dela aos lábios e beijou o dorso, mas os convidados não se contentaram com aquilo.

Todos pediram um beijo de verdade e depois de pensar por alguns segundos, Gunnar inclinou a cabeça e a beijou.

Lynnae sentiu como se tivessem lhe dado um golpe no estômago, sentiu que lhe faltava o ar. Escutou em sua cabeça as palavras dele: — Eu serei sempre fiel, — esperou que o casal se sentasse antes de voltar ao seu aposento. No caminho, a mulher fez com que ele parasse e lhe deu outro beijo, mais fogoso ainda que o anterior. Lynnae estreitou os olhos ao observá-los e uma ideia se introduziu em sua mente. Deu a volta incapaz de continuar ali, e se dirigiu à cozinha, precisava falar com Seren.

A cozinheira finalmente teria um momento de paz, havia terminado o jantar, e havia três moças que estavam limpando,

incluindo Nylsa e iam a um bom ritmo. A anciã estava sentada à mesa pela primeira vez em todo aquele dia, nem sequer havia comido, quando viu Lynnae aparecer. Colocou-se de pé muito nervosa, o senhor havia deixado claro que ela não devia sair do aposento.

— Menina! — Ela correu para levá-la dali. Até aquele momento Gunnhild não conhecia sua existência, e este seria o pior dia para descobrir. — Venha comigo, — Lynnae se deixou levar, ela também queria ficar sozinha com a anciã e saber o que estava acontecendo. Sabia que era um pouco mais do que uma criança, e que, apesar de sua vida, era muito inocente, mas ela não podia acreditar no que havia acontecido, seguramente haveria alguma explicação. Chegaram ao aposento que ela ocupava, junto com Gunnar, onde ele deitava todas as noites com ela. Seren a deixou passar primeiro e depois entrou. Apoiou-se na porta, olhando-a com os olhos assustados.

— Está louca? Sabe o que o senhor lhe disse. — Lynnae não respondeu somente a olhava, tranquila. — Responda menina. O que aconteceu?

— Preciso que me diga a verdade Seren. Nunca direi que você me contou, e depois não sairei mais deste aposento. — A anciã a olhou assombrada, não sabia sobre o que ela perguntaria.

— Está bem, diga-me o que a preocupa.

— Gunnar é casado? — Seren pensou em mentir, porém não lhe parecia justo. Era melhor que soubesse o que acontecia, e assim poderia se acostumar com aquela situação

no castelo.

— Casado não, mas Gunnhild é sua concubina. — Lynnae ficou pálida. Nunca havia duvidado dele, e menos ainda desde que ele lhe prometeu fidelidade, ela juraria que ele fora sincero. Aquilo só demonstrava como ela era tola.

Aturdida, ela se sentou na cama deixando Seren olhando-a com a testa franzida. Aproximou-se da menina ao ver sua reação e tentou justificar a atitude de Gunnar.

— Lynnae, no lhe dê importância, creio que entre eles já não acontece nada.

— Ele mentiu para mim, — Ela não parecia desamparada, somente surpresa — Eu acredito que tudo o que ele me disse seja uma mentira! — Olhou à anciã que pode ver a decepção em seus olhos. A mulher sentiu tristeza ao ver aquilo, esta menina já havia sofrido demais em sua vida.

— Acredito que seja verdade que ele sente algo por você e que não a abandonará nunca. Lembre-se como ele está cuidando de seu mestre. — Porém Lynnae estava aprendendo rapidamente, e nesse momento ela terminou de crescer.

— Está cuidando dele porque quer que eu o esquente em sua cama, mesmo que eu não entenda porque eu, ele poderia conseguir mulheres mais bonitas. Se não fosse por Käresson, eu iria embora e não voltaria nunca mais. — Seren a olhou assustada, ela não falara com desamparo, mas com certeza. Ela não tinha nenhuma dúvida de que era isso mesmo o que ela faria.

— Não diga isso! Não pensa em como Nylsa e eu estamos preocupadas? Não poderíamos estar tranquilas sem saber que

seria de você... — porém Lynnae simplesmente encolheu os ombros e ficou olhando o fogo.

A anciã, vendo que não conseguiria fazê-la raciocinar, não lhe disse mais nada e saiu dali. Aquilo não poderia acabar bem, além disso, ainda que não houvesse lhe dito nada, seu velho mestre estava muito pior, o médico havia dito que não lhe restava muito tempo.

Gunnar acreditava que aquele suplício não acabaria nunca, a necessidade de desaparecer dali, fez com que ele bebesse mais do que nunca. Afortunadamente, o rei se cansou e foi para seus aposentos. Apesar da insistência de Gunnhild para que compartilhasse da sua, ele disse que não em várias oportunidades e conseguiu escapar. Então fez aquilo que havia desejado fazer durante toda a noite, ir junto para sua companheira. Aquela mulher que o enlouquecera e que não conseguia lhe demostrar um pouco de carinho. E isso era o que ele mais necessitava.

Ele a encontrou deitada de lado na cama olhando o fogo e porque não conseguiu ver o rosto dela sorriu feliz, convencido de que o feito de que estivesse ali significava que o desejava.

— Já estou aqui Lynnae, a noite me pareceu interminável, —Lynnae se sentiu estremecer, ela havia esgotado todas as lágrimas, e sentia o corpo e a cabeça estranhamente letárgicos. Escutou o roçar das roupas dele, o que lhe indicou que ele estava se despindo, mas não se sentia com forças para se voltar.

Sentiu a cama afundar, e ela se agarrou ao colchão para não rodar para ele, porém foi em vão, porque ele a segurou pela

cintura e a grudou em seu corpo. Depois começou a beijá-la insistentemente no pescoço, enquanto suas mãos acariciavam seus seios.

Ela não conseguiu evitar que eles ficassem intumescidos, como se seguissem ordens dos dedos dele. Ela mordia os lábios para não gemer de prazer.

— Você gosta? — Ele sussurrou em seus ouvidos, ela fechou os olhos pedindo forças para conseguir que sua humilhação não fosse tão grande, não queria dizer-lhe o que ele a fazia sentir. Sentiu cheiro de álcool em sua respiração e ele cada vez apertava com mais força seus seios, mas ela não se queixaria, ela esperava que fosse ficar com hematomas, e que ele os veria no dia seguinte. Ela sabia que isso o faria sofrer. Quando ele se deu conta de que ela não responderia e que não se voltava, ele a fez virar, olhando-a fixamente, seus olhos mostravam uma tormenta.

— O que houve? — Ela negou com a cabeça, porém de repente sentiu um desejo incontrolável de machucá-lo, ela estivera sofrendo por toda a noite e ele bebendo e dançando.

— Nada. Quer que eu abra as pernas? Assim terminamos logo, eu não preciso gostar você sabe... — Ele começou a ficar vermelho como se tivesse sido insultado. Agarrou os braços dela e se colocou em cima dela.

Gunnar queria assustá-la, precisava que ela tivesse medo dele, igual a ele que temia que ela se fosse um dia e não voltasse a vê-la. Na realidade, nada a amarrava a ele, somente a enfermidade de um ancião, a quem, segundo Hansel lhe dissera, não restava muito tempo.

— Vamos Gunnar, acabe com isso, na realidade, é como outra necessidade de seu corpo. Hoje você já jantou, já bebeu e precisa expulsar sua semente em algum lugar, não é assim? — o gemido de dor que ele deu deveria ter chegado ao coração dela, mas ela já não acreditava em nada do que ele dissesse.

— Você não sabe o que diz. — Ele falava entre os dentes, com dificuldade, como se lhe custasse unir as palavras, sua fúria estava incrementada pelo álcool. — Você não suportaria que eu a fodesse. É isso o que acontece quando não há carinho entre as pessoas. Eu nunca a tratei assim. — Ela reagiu como ele nunca imaginaria. De repente, começou a bater-lhe no peito com punhos fechados, não o machucava, porém o deixou assombrado.

— Mentiroso! É exatamente o que você é! Está bem, foda-me e acabemos com isto. Depois eu dormirei onde quer que seja, não acredito que seja necessário que durmamos abraçados, como se você sentisse alguma coisa por mim. — Ela estava tão magoada que não sabia o que dizia, mas daquela vez ela não queria que ele se desse conta do porque ela estava tão brava.

Gunnar a sacudiu fortemente e a beijou de maneira selvagem, até o ponto de fazê-la sangrar. Ela se sentiu feliz por ter conseguido machucá-lo e havia acreditado nele e sangrava por dentro, porque havia acreditado que ele realmente se importava com ela. Pela primeira vez ela acreditara que alguém que não fosse Käresson, a amava. Que era especial, mas era tudo mentira.

— Como se atreve! Não esqueça que o velho depende de você. — Ela estava esperando que ele lhe dissesse aquilo.

— Como você é covarde, utilizar um velho para me ter em sua cama! Assim que Käresson morrer eu irei embora e você não nunca me encontrará.

Ele voltou a beijá-la machucando-a, mas ela não se queixou. Puxou forte o cabelo de Gunnar tentando levantar sua cabeça, porém ele não se movia. Quando se afastou dela, os dois quase sem ar, seus lábios estavam inchados e vermelhos.

Lynnae, que sempre pensara que era uma moça pacífica, não reconhecia a si própria. Queria bater nele e machucá-lo da melhor maneira possível.

— Você nunca irá embora! Nunca! Ouviu-me?

Ela abriu a boca para protestar, mas ele voltou a beijá-la com força, então ela cerrou os dentes para que ele não colocasse a língua.

Ele remexeu em suas calças, até que tirou seu pênis e colocou-o na entrada dela. Então, ele percebeu que ela estava vestindo a camisa, ficou de joelhos entre as pernas dela e, agarrando a borda da roupa com as duas mãos rasgou-a. A camisa ficou em pedaços e a observou nua na cama.

Seus olhos se demoraram, um momento, nas aureolas machucadas dos seios, porém ele não se permitiu sentir pena dela. Seu instinto animal lhe exigia que a dominasse.

— Você é minha! E vai aprender que é. — Ela o olhava com os olhos entrecerrados e ele voltou a se deitar em cima dela abrindo com força suas pernas para que ficasse mais aberta. A cavalgada desta noite seria selvagem, ele não podia

evitar.

— Prepare-se! Eu vou entrar tão dentro de você que você nunca mais duvidará a quem você pertence, igual eu não posso esquecer quem sou seu.

Ele a penetrou com uma poderosa investida, que fez com que ela gritasse de dor. Estava seca, porque desta vez ele não havia se preocupado em prepará-la para que não sofresse. Estava fora de si. Suas arremetidas eram bestiais, ela se agarrava nas cobertas como podia, tentando conter os gemidos de prazer, porque depois das primeiras penetrações, seu corpo traidor novamente lhe respondia.

Apesar de que Gunnar queria que ela sofresse como o estava fazendo sofrer, ele havia entrelaçado seus dedos com os dela, e continuamente, baixava seu rosto para beijá-la, porém ela virava o rosto. O suor dele lhe escorria pela face caindo sobre os seios dela.

— Minha! Para sempre. — Ameaçou. — Se você fugir eu a encontrarei, maldita seja, maldita seja, está me matando! — Disse aquilo e mordeu os lábios ao se dar conta de que estava descobrindo seu segredo mais profundo, que ele não conseguiria sobreviver sem seu amor. Seus olhos fulguraram como nunca e se esvaziou dentro dela. Lynnae sentiu que aquele líquido proveniente das entranhas dele queimava dentro dela, como nunca havia acontecido. Sem conseguir evitar também gozou e gemeu ao fazê-lo. A sensação foi tão forte que precisou se esforçar para não desmaiar. Respirou fundo, preenchendo-se com o cheiro dele que estava em cima dela. Com a cabeça escondida em seu pescoço.

Ele se afastou dela, e ficou de lado lhe dando as costas. Ela fez o mesmo, porém os dois se voltaram quando a porta foi aberta bruscamente e bateu contar a parede. Gunnar se levantou em seguida com a espada na mão, disposto a morrer para proteger Lynnae. Porém o perigo era de outra forma e quando viu Gunnhild, aproximou-se de sua companheira e a tapou com os lençóis, visto que ela permanecia nua. Então colocou suas calças e de pé encarou a mulher. Aproximando-se dela puxou-a até a porta e disse:

— Se quiser conversar vamos a outro lugar. — Mas Gunnhild negou com a cabeça. As lágrimas que sentia tanta vontade de verter foram petrificadas ao escutar, do corredor, o som inconfundível de Gunnar fazendo amor.

Ela fora procurá-lo decidida a fazê-lo mudar de opinião e agora entendia o porquê de seus sumiços ultimamente. Como a maior parte das mulheres apaixonadas colocou a culpa em quem não devia. Aproximou-se de Lynnae, com as mãos em formas de garras disposta a destroçar seu rosto. Gunnar triste, a segurou pela cintura. Por que tudo era tão complicado?

— Ela não tem culpa, Gunnhild, antes que eu a conhecesse já estava tudo acabado entre nós, você sabe.

Lynnae tapava sua nudez com os lençóis e conseguiu sair da cama indo até o fundo do aposento para se vestir discretamente. Custou muito a ela fazer aquilo por que lhe tremiam as mãos, terrivelmente. Quando voltou a olhá-los a mulher havia se sentado, e Gunnar estava acocorado em frente a ela.

Ela foi até a cozinha e se sentou em uma cadeira em

frente ao fogo, agora não havia nada ali. Olhou para suas mãos que continuavam tremendo, uniu-as para tentar com que parassem. Escutou um ruído de passos correndo pelo corredor, estranhando foi olhar, o ruído vinha da área dos serviçais. Correu para lá com o coração na boca. Os companheiros do aposento de Käresson haviam saído e estavam no corredor, falando entre eles. Quando ela chegou eles se calaram, sabiam quem ela era, além disso Äsmund os avisara que não a incomodassem, porque era muito importante para o senhor...

Ela entrou depressa, quase sem conseguir respirar, para ver aquilo que já imaginava. Quando a visão ficou diante de seus olhos, seus passos diminuíram. Pelo menos ele parecia ter morrido tranquilamente, ela tocou a testa dele com o dorso de sua mão, mas ela estava enrijecida, abaixando a cabeça lhe deu um beijo delicado. Depois pegou-lhe a mão e colocou em sua face para sentir seu carinho pela última vez. O único ser humano que a amara, ela se deixou cair de joelhos e gritou com todas as suas forças. Então começou a chorar apoiando a cabeça no colchão enquanto com a mão continuava segurando a mão do único pai que ela conhecera, segurando-se nele com todas as forças de que era capaz.

Gunnar se levantou para abrir a porta esgotado de tentar consolar Gunnhild, que continuava chorando sem parar. Sentia-se o pior ser da face da terra. Atrás da porta estava Äsmund, e parecia muito nervoso.

— Senhor Gunnar, aconteceu uma coisa. — Gunnar sentiu algo em sua nuca, que fez com que ele saísse correndo. Logo escutou os gritos dela, eram de agonia, como se seu

coração houvesse se partido em mil pedaços. Não suportava escutá-los. Quando chegou e a viu de joelhos chorando destroçada, conheceu a diferenças entre amar, ou não, uma pessoa. Sentia pelas lágrimas de Gunnhild, porém as de Lynnae eram como punhaladas em seu coração.

Aproximou-se dela e passou a mão por seu cabelo tentando acalmá-la e soubesse que ele estava ali. Mas ela se voltou e o olhou com ódio.

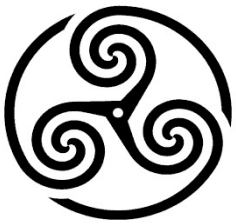
— Não me toque! — Ela sussurrou vendo seu olhar, ficando com os pelos arrepiados. Ele sabia que estava magoada, mas deveria deixá-lo confortá-la.

— Lynnae, venha comigo, deixe-me…

— Não! Você já não pode me obrigar a fazer nada. — Assinalou a figura imóvel que estava em cima da cama, testemunha muda daquele drama. — Vê este velho? Foi à única pessoa que me amou no mundo. Ninguém mais! Nunca haverá ninguém que me ame como ele. Não quero voltar a ver você, nunca mais! — Ele concordou, ela precisava de tempo, mas de toda maneira não podia deixá-la de joelhos junto a velho morto. Viu Seren no corredor e lhe fez um sinal, a anciã se aproximou seguida por Nylsa.

— Levante-a, durma com ela esta noite, amanhã o enterraremos. — Quando Seren a ajudou a se levantar ela se deixou levar docilmente ficando entre as duas mulheres e saíram dali. Gunnar esperou que ela saísse e depois foi falar com Äsmund para que preparasse tudo para o dia seguinte. Para ele acabava de morrer o pai de sua companheira, mesmo que ela não reconhecesse que era. Para ele não havia nada que

pudesse mudar isso.



CAPÍTULO IX

Que grande contradição que no enterro de um homem, que em seus últimos anos havia dormido em sarjetas pelo caminho, incontáveis vezes, viessem entre outros, os reis de seu país e um de seus amigos mais queridos e conhecido por seus feitos heroicos na guerra: Gunnar, o Senhor dos Lobos. O restante dos convidados à festa, compareceram ao enterro pensando que quem havia morrido era algum conde ou alguém poderoso daquela terra.

Apesar de Gunnar dizer para Filip que não era necessário ele ir ao enterro, ele observara o quanto o amigo parecia aturdido e ele mesmo não entendia porque lhe disse que iria. Gunnar se sentia muito inquieto, estava de pé ao lado da tumba, Gunnhild estava a seu lado, chorando, somente ele sabia que ela não chorava pelo morto, e a seu lado se encontravam os reis. Atrás deles permaneciam os demais convidados e em frente estava Lynnae, apoiada em Seren.

Sua companheira parecia confusa, seu olhar era vazio e possuía grandes bolsas debaixo dos olhos, seguramente

estivera chorando por toda a noite. Gunnar sentia um formigamento nos dedos, ele pouco havia dormido angustiado pela necessidade de tê-la entre seus braços e consolá-la. Durante a noite havia se aproximado do aposento de Seren algumas vezes e a anciã lhe dissera que ela não estava preparada para falar com ele.

Baixaram o corpo à cova e jogaram terra por cima, depois todos se foram. Começou a chover, e Lynnae não se movia, enquanto Seren lhe dizia algo no ouvido, certamente tentando convencê-la de que fossem para casa, mas ela não parecia sem se dar conta do que acontecia a sua volta.

— Gunnar vamos, os reis já se foram e é de mal educação que fiquemos aqui. — Ele concordou e deu uma olhada para Seren que fez um gesto lhe dizendo que fosse tranquilo. Ele se deixou levar por Gunnhild, que tentava manter as aparências, e se dirigiram ao castelo, que estava em frente a eles. Quando já estava a ponto de entrar, voltou à cabeça para olhá-la e viu-a ainda parada na mesma posição, seu cabelo encobria seu frágil corpo e estava totalmente ensopada. Esforçou-se em continuar andando e não voltar até ela, para que não continuasse debaixo da chuva.

Dirigiram-se ao salão e ele se colocou junto à única janela que havia ali e que lhe custara uma fortuna, somente para observar a volta dela. Se não aparecesse brevemente ele a buscaria e nem se importaria com a opinião dos demais. Pouco depois observou a volta delas e se segurou com força no marco para não sair e trazê-la no colo. Devia ser ele quem a consolava, ninguém mais. Gunnhild tentava manter uma

conversa e a rainha tentava segui-la. Os homens sem vontade não faziam nenhum esforço para ouvi-las. Gunnar continuava com o olhar fixo no corredor por onde Lynnae acabara de desaparecer, e o rei o observava fixamente.

Por fim Filip pareceu tomar uma decisão e falou em voz alta. Gunnar, concentrado em seus pensamentos não o escutou. De repente, todos os que estavam no salão, levantaram-se e saíram, incluindo Gunnhild e a rainha. Ele olhou para o rei assombrado e este sorria com ironia.

— Preciso agradecer todas as vezes que lutou por mim em tantas batalhas. Eu não estaria assim saudável e vivo e me atrevo a dizer se meu amigo: o lobo, não tivesse conseguido tantas vitórias. Claro que se ele estivesse aqui. — Gunnar sorriu envergonhado, o rei estava certo, em sua cabeça agora mesmo havia somente ela. Sabia o que viria a seguir e para ele seria uma libertação. Finalmente poderia ser sincero.

— Será necessário que eu lhe pergunte, amigo? — Ele negou com a cabeça. Não seria necessário, fazia tempo que ele deveria ser honesto consigo mesmo e com ela.

—Trata-se de Gunnhild. — Olhou nos olhos do rei transmitindo-lhe todo o sentimento que havia em sua alma.

— Ah! Entendo. — Por seu olhar parecia que na verdade ele havia entendido. — Tudo isto não terá a ver com aquela jovem que hoje estava tão afetada no enterro. — Gunnar o olhou com os olhos resplandecentes. — Vejo que sim. Gunnar, vou lhe falar como eu faria com um filho, e pode me chamar de doido, mas não precisa escolher. Pode ter Gunnhild e ela, nenhuma lei o proíbe e as mulheres tem um grande coração,

sabem perdoar. Se quiser que eu fale com ela...

— Filip não continue, — ele não sabia como começar a explicar, — você sabe que sou um berserker. — Seu amigo assentiu. — O que você não sabe, é que, para poder ter uma vida longa, plena e feliz, preciso encontrar a mulher que me tenha sido destinada. — O rei elevou as sobrancelhas incrédulo.

— Eu nunca ouvi isto, — parecia incrédulo.

— Os berserkers não vivem uma vida longa, porque não encontram a mulher adequada. Acabam enlouquecendo e assassinando amigos e inimigos sem distinção, até que alguém precise matá-los para que deixem de sofrer, e as outras pessoas também, — ele olhou distraído, recordando-se.

— Meu pai encontrou a mulher que o completava, minha mãe, e eles vivem felizes desde então. Ele é o homem mais correto que se possa imaginar. E também o mais teimoso. — Sorriu. — Eu sempre o tive como exemplo do que eu gostaria de ter em minha vida, seu casamento mesmo que eu não soubesse até que conheci Lynnae. — Olhou o rei, mas ele parecia tão assombrado que não respondeu. — Se Gunnhild não fosse sua prima já faria tempo que estaríamos separados. Está sendo muito difícil porque ela não quer saber desta ideia, mas nosso relacionamento já faz tempo que está morto.

— Sinto Gunnar, não fazia nem ideia quando a apresentei, e eu fiz com a melhor das intenções. Ela ficou apaixonada por você somente de vê-lo e eu pensei que você precisava de uma mulher em sua nova vida. — Ele se levantou suspirando. — Porém nem sempre as coisas saem com a gente quer. Não se

preocupe com Gunnhild, falarei com ela e a levarei à corte quando eu voltar. Agora vou dizer à rainha que vá preparando tudo, sairemos amanhã ao amanhecer, mande avisar que preparem meu navio, por favor.

Gunnar concordou sério e agradecido. Ele disse: — não se preocupe porque economicamente eu continuarei mantendo-a. — O rei fez gesto com a mão para que parasse de falar.

— Ela ficará conosco durante algum tempo na corte e depois veremos. Se ela quiser voltar com seus pais também tem a chance. Ela está mais linda do que nunca e tenho certeza de que logo arrumará um enamorado.

Gunnar esticou sua mão para estreitar o antebraço de seu rei.

— Obrigado majestade. — Mas o rei o abraçou efusivamente e depois o olhou novamente antes de falar.

— Lembre-se sempre que antes de tudo, considero-me seu amigo.

— Muito obrigada Filip. — Com um último toque em seu ombro o rei se foi e ele finalmente ficou só. Então se encaminhou ao aposento de Lynnae esperando encontrá-la sozinha, mas não foi assim. Seren estava sentada junto à cama, e se aproximou quando ele entrou.

— Eu lhe dei algo para dormir, ela não conseguiu durante a noite toda. — Ele assentiu com a testa franzida.

— Não vou me deitar agora com ela, mas esta noite virei dormir aqui. Não me importa o que ela diga. — A anciã assentiu nervosa. Lynnae lhe dissera que não suportaria que ele a tocasse novamente. Ela acreditava que por sua boca

falava, mas que não eram seus verdadeiros sentimentos, mas não se atrevia a dizer aquilo para seu senhor. Ela simplesmente concordou sem saber o que dizer. Ele se aproximou da cama e acariciou uma mecha de cabelo que saia debaixo das cobertas, e depois, com um último e torturado olhar ele saiu.

Lynnae despertou sobressaltada, por um momento não se lembrando de nada e olhou em volta até se dar conta de que somente Seren estava com ela e que a coitada havia caído, adormecida em uma cadeira... Porém havia fogo na lareira, então já devia ter amanhecido. O fogo durava somente até o amanhecer do sol. Ela se levantou nervosa, não podia ficar ali, agora não havia nenhuma razão para ficar. Não sabia para onde iria, mas aquilo não importava, agora, ela somente possuía a sim mesma. Deliberadamente não escutou sua voz interior que lhe gritava que ficasse mais um pouco, e começou a arrumar suas coisas. Deixou o livro que ele havia lhe emprestado sobre a mesa, sentindo uma grande dor ao fazê-lo. Para ela havia um grande significado, como se tivesse deixado para trás tudo dele.

Não sabia por que se sentia assim, se algumas semanas antes lhe tivessem oferecido a posição em que ela se encontrava agora, teria aceitado sem pestanejar. Não era fácil ganhar a vida honradamente, e menos ainda, sendo uma mulher sozinha. Mas ela se sentia muito magoada e abatida. Ele a havia enganado, rido dela. Lynnae sabia que era pobre, inclusive ignorante, mas ela também era uma pessoa igual a ele.

Ninguém merecia que lhe mentissem daquela maneira, se ele não tivesse lhe dito nada, ela cumpriria seu acordo e não teria nenhum problema. Porém ele, e ela ainda não sabia por que, quis fazê-la acreditar que era alguém importante na vida dele. Advertiu a si mesma de continuar, mas pensando somente nela, a partir de agora. Terminou de se vestir silenciosamente e saiu do aposento com as sapatilhas na mão para que Seren não a ouvisse.

Ao sair ao corredor, escutou muito barulho e se dirigiu ao salão, lugar de onde vinha o barulho. Vários serviçais que ela não conhecia iam de um lado para o outro com bolsas, bandejas, e montes de roupas. Um deles ao qual ela abordou lhe disse que os reis e outros convidados iriam embora naquele dia. Ela pensou durante um instante em ir com eles, escondida em algum lugar, porém eles a descobririam em seguida.

Estava tão abatida que não sentia forças suficientes para ir sozinha. Saiu ao pátio e viu os saltimbancos e trovadores que também se preparavam para sair, depois de dormir no castelo. Ela se aproximou de uma das mulheres para lhe falar, por sorte havia mulheres jovens no grupo. Ela perguntou se poderia acompanhá-los, se poderia andar no mesmo passo que eles. Mas a mulher lhe disse que se não conseguisse ela ficaria sozinha, porque eles não a esperariam. Ela assentiu rapidamente, e olhou sua sacola, levava o pouco que possuía. Correu a cozinha para pegar um pouco de pão e uma pele com água, não acreditava que Gunnar se incomodaria que ela a levasse. Sentiu um pouco de tristeza por precisar ir dali e pensou em Seren e Nylsa, mas era melhor que se fosse.

Balançou seus ombros e saiu novamente ao pátio. Minutos depois, acompanhando aquele grupo tão pitoresco, recomeçou a andar.

Gunnar despertou e inspirou profundamente, novamente viu que algo ia mal. Sentou-se na cama, soltando a pele de hidromel que não havia parado de beber a noite inteira, incapaz de dormir. Ele se levantou com uma terrível dor de cabeça e sentindo que não conseguia abrir os olhos. Foi até a bacia e lavou o rosto, depois pegou a jarra e derramou a água sobre sua cabeça. Não podia perder tempo, precisava averiguar o que estava acontecendo.

Primero foi até o aposento de Lynnae que ficava ao lado do dele. Estava vazio. Com um mau pressentimento cada vez maior, correu até a cozinha, Seren estava ali limpando as lágrimas com o vestido. Quando o viu ficou pálida e se levantou da cadeira angustiada. Ele levantou a cabeça e uivou como o lobo que diziam que ele era. Aquele som foi ouvido por todos da casa e pensaram que aquele som só poderia vir de um pesadelo.

Os reis ficaram prontos um pouco depois, muito mais rápido do que o habitual, porque Gunnar, furioso, e a quem nada se podia contradizer, colocou seus serviçais a ajudá-los para que pudessem ir antes. Ele precisava que todos, inclusive Gunnhild fossem embora e rápido para que quando ele voltasse com Lynnae, não houvesse mais mal-entendidos.

Quando todos, inclusive Gunnhild, se foram sem se despedir, ele correu até os estábulos e pegou seu cavalo de guerra e foi buscá-la.

Havia duas opções, ou fora sozinha e que os deuses a protegessem porque ele lhe daria alguns açoites e ela não poderia se sentar por uma semana; ou, ela fora com os saltimbancos. Seus homens o informaram que eles se foram algumas horas antes. Axel e Niels queriam acompanhá-lo, mas ele se negou. Ele deveria fazer aquilo sozinho. E sua intuição lhe dizia que seria melhor para ele e para Lynnae.

Seu cavalo galopou atrás dela como se sentisse a mesma necessidade de encontrá-la como o homem que o montava. Gunnar pela primeira vez desde muito tempo, quem sabe anos, se sentia livre. Estava certo de que a encontraria, pois havia alguma vantagem, mas eles iam a pé. Não havia passado nem uma hora quando ele avistou o grupo em um caminho. Ela ia ao lado das mulheres que não paravam de conversar, mas, Lynnae andava de cabeça baixa, certamente estava esgotada. Ele apertou os dentes, sua teimosia precisava acabar.

Lynnae sofria cada vez mais pensando que nunca mais voltaria a vê-lo, continuava magoada com ele, mas doía só de pensar em nunca mais ser abraçada por ele. Escutou um barulho de cascos de cavalo e se voltou para vê-lo montado em um animal enorme. Olhou para os lados, mas não havia lugar para onde correr. Ela ergueu a cabeça, não precisava fugir, ele não possuía nenhum direito sobre ela. Os dez componentes do grupo de atores com os quais ela viajava pararam assustados ao ver aquele enorme cavalo.

Então o animal começou a se aproximar dela, levantando muito as patas, como se dançasse. O grupo começou a se afastar dela reconhecendo o senhor do castelo onde estiveram

no dia anterior.

O famoso senhor dos lobos, Gunnar, estava sem escudo, sem armas, somente usava a roupa com a qual dormira. Ele não fora capaz de pensar em se trocar. Parou o cavalo e com um salto desceu e se aproximou dela. Ela retrocedeu até a curva onde havia dunas de areia, mais adiante estava à praia e depois o mar. Durante um segundo, ela pensou em sair correndo para ganhar tempo, mas quando ela ia fazê-lo ele já a havia pego pela cintura. Ela resistiu sem dizer nada, sem emitir um som, então ele a assegurou pelos braços para não a machucar.

Ele se sentia estranhamente tranquilo agora que a havia encontrado. Sabia que ela sentia uma grande dor, notava em seu coração e o que mais desejava agora mesmo, era que ela o deixasse consolá-la. Colocou-a sobre o cavalo segurando-a para que ela não saltasse e se machucasse. Depois montou atrás dela e açulou o cavalo para que ele saísse dali. Um pouco mais adiante o caminho se bifurcava, ele podia seguir o caminho para o povoado ou entrar em um bosque. Ele decidiu ir ao povoado, aos dois seria bom ver um pouco de gente juntos.

— Vamos ao povoado, você precisa de roupas, eu comprarei o que você quiser.

— Não preciso de nada, — Aquilo soava como uma menina mal-humorada e ele sorriu ao escutá-la, — e você não tem o direito de trazer-me, não possuímos nenhum vínculo. — Ao ver que ele não contestava, virou-se e ele lhe devolveu o olhar com uma intensidade que a fez balançar. Gunnar riu e chegou às gargalhadas.

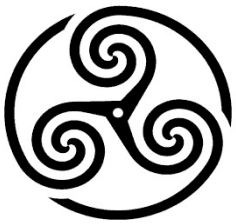
— Sim nós temos e você sabe disto. Pode ser que eu não tenha notado antes por causa de minha, natureza, mas tenho certeza, agora, que você também sente. Não acredito que você estivesse feliz se afastando de mim. Não sentiu nada, nem sequer um pouco de dor pela separação? — Ela se calou por teimosia, mas ficou nervosa sabendo que ele estava certo. Na verdade, ela se sentira muito mal pensando que não voltaria a vê-lo.

— Gunnhild se foi com os outros convidados. Eu havia terminado com ela, mas ela me pediu para esperar até depois da festa. Agora somos somente eu e você e o que a vida nos preparar. Se quiser me dar uma oportunidade, tenho certeza de que não se arrependerá.

Lynnae não respondeu, mas relaxou um pouco. Estava tão cansada que não era capaz de tomar uma decisão naquele momento. Parecia difícil acreditar que ele a quisesse, mas ele fora buscá-la. Com o tempo ela veria se era sincero, inconscientemente, ela se acomodou suavemente sobre o peito de Gunnar, que ficou emocionado ao notar. Na próxima curva do caminho apareceu o povoado.

Gunnar acelerou o trote desejando que ela aproveitasse das mesmas coisas que qualquer mulher de sua idade. Queria que ela tivesse tudo o que desejasse. Ele sorria feliz ao ver o rosto de Lynnae ao entrar no povoado.

Ficaram algumas horas por ali comprando o imprescindível, segundo Gunnar e um desperdício, segundo Lynnae. Quando chegaram ao castelo estavam com um sorriso em seus rostos.



CAPÍTULO X

Eles tiveram sorte, no povoado, quando encontraram os vestidos que serviram nela, e Gunnar comprara alguns mais, bem como dois pares de sapatos e sapatilhas. Ele lhe compara um baú que guardava tudo e que estava no aposento que eles compartilhariam daquele momento em diante. Quando chegou a hora de comer e ele insistiu que ela fosse ao salão, ela teimou, porque preferia a cozinha onde se sentia mais à vontade. Gunnar sabia que era muito importante que ambos cedessem se quisessem continuar com aquela relação, e, nem ela teria motivos para pensar que ele se envergonhava dela.

Ele foi buscá-la no aposento onde ela estava se trocando. Ela colocara um dos vestidos novos. Ele a acompanhou conversando, para que ficasse mais tranquila.

— Eu a apresentarei para Axel e Niels, são bons amigos, e de momento estão vivendo aqui. — Ela assentiu, estava muito nervosa. Ele a segurou pelo braço e se inclinou até a orelha dela, para que sussurrando ninguém conseguisse escutar.

— Lembre-se que você é a pessoa mais importante para

mim, à única com a qual eu desejo viver o que me restar da vida e que desejo que seja a mãe de meus filhos. — Ela o olhou com os olhos deslumbrantes, brilhando como ouro líquido. Ele se sentiu humilhado pela primeira vez em sua vida, surpreendido pela beleza dela. O cabelo tão claro caia liso e comprido envolvendo-a como um manto. Ele esticou uma mão para acariciá-lo. Uma mecha grudou em seu dedo como se não quisesse que a mão dele se afastasse. Os dois riram daquilo e continuaram até o salão.

A refeição foi tranquila, porém Lynnae não levantou o olhar de seu prato e nem participou da conversa. Sua cadeira estava junto à dele, Gunnar de vez em quando lhe perguntava algo, mas ela respondia com monossílabos. Os amigos tentaram distraí-la, mas somente Gunnar lhes respondia. Quando a refeição acabou, Gunnar estava com o cenho franzido e Lynnae sentindo que isso não funcionaria. Ela se levantou para ir até seu aposento, mas ele a chamou.

— Espere Lynnae, coloque uma roupa mais confortável, vamos cavalgar.

— Ela o olhou estranhando, mas fez o que ele pediu.

Pouco depois eles cavalgavam, ambos no cavalo de Gunnar, já que ela não sabia cavalgar. Gunnar queria que ela se acostumasse a estar fora de seu aposento e conseguiria. Cavalgaram até a praia onde ele gostava muito de ir, desta vez para simplesmente se sentar em frente ao mar e esperar que ela ficasse relaxada. A intenção dele depois era muito clara.

Desmontaram e de mãos dadas começaram a caminhar pela areia, ela estava feliz ali. Ela puxou a mão para se soltar e

assim poder correr pela areia, pois a água a encantava.

— Outro dia entraremos na água. — Lynnae olhou o mar, o dia era perfeito, a água estava calma e fazia sol.

— Por que não agora? — Ela o olhou suplicando e ele que não conseguia resistir, assentiu começando a tirar a roupa. Ela arregalou os olhos e fez o mesmo ficando com a camisa de baixo. Ele se lançou ao mar rindo ao ver como ela ficava vermelha por causa de sua nudez.

Brincaram com a água até se cansarem, abraçaram-se, beijaram-se, e, sobretudo seus corpos começaram a se acostumar um ao outro. Ele a manteve abraçada por um longo tempo dentro d'água de pé, com a água pelo peito e ela pendurada escondendo seu rosto no pescoço dele.

Gunnar notava as lágrimas dela caindo pelo pescoço e queimando-o em seu caminho. Então ele a abraçou mais forte, sua fortaleza estava à disposição dela, sempre.

— Minha amada, chorar o que se perdeu é uma homenagem às pessoas que se foi. Minha mãe sempre me disse isso. — Ele a beijou emocionado por ela lembrá-lo de sua mãe. — Ela gostaria muito de você. — Lynnae olhou-o com os olhos molhados pelo sal do mar e pelas lágrimas.

— Sua mãe vive? — Ele sorriu um pouco envergonhado. Nunca falava de sua família.

— Sim, meu pai também. E tenho uma irmã, e irmãos. — Ela abriu a boca assombrada.

— E eles vieram aqui alguma vez? — Ele negou.

— Até agora não. Meu pai e eu estamos de mal. Mas quando eu consigo, mando mensagens para minha mãe e meus

irmãos para que saibam que estou bem. Eles me mandam cartas de vez em quando por meio de amigos que os tenham visitado.

— Não posso acreditar que você tenha família e que não a veja! Quanto tempo faz que não os vê?

— Quatro anos. — Ela franziu o cenho e ia falar, mas não se atreveu a fazê-lo. Gunnar estava certo que iria repreendê-lo e também de que ela, em pouco tempo, não hesitaria em fazê-lo.

Lynnae voltou a esconder o rosto em seu pescoço assombrada com o que acabava de descobrir sobre sua família. Aquilo não podia continuar assim, ela que tivera seu amado mestre durante dez anos e que antes não possuía ninguém, não conseguia entender que alguém que tivesse família, não tivesse um relacionamento. Aconchegou-se mais ainda no pescoço de Gunnar porque parecia que as ondas estavam mais fortes.

— Já nos salgamos, e o mar está ficando bravo, — Ela se agarrou forte e ele começou a corre com ela nos braços como um macaquinho lançando gritos. Os dois riram até as gargalhadas totalmente descontrolados. Depois ele se deixou cair na areia com ela em cima e continuaram rindo. O tempo havia mudado como costumava ocorrer por aquelas terras e o sol se escondia por trás de uma grande nuvem. Lynnae o olhava enquanto sua pele se arrepiava.

— E onde vive sua família? — Ele respondeu feliz por finalmente poder falar deles. Inclusive pensou na possibilidade de viajar com Lynnae para visitá-los, dentro de algum tempo.

Estava certo de que, entre todos, fariam seu pai entrar em razão.

As semanas passaram sem que eles se dessem conta, Lynnae que nunca havia conhecido um lar, finalmente havia encontrado um. E também o amor, porque agora podia dar nome àquela emoção que sentia no peito quando o via, ou quando, simplesmente pensava nele. Gunnar encontrara a paz e a felicidade e qualquer um que o conhecia, podia ver a grande mudança que ele havia experimentado. Seu sorriso agora aparecia com facilidade, rindo até as gargalhadas com sua companheira e com seus amigos, com os quais haviam terminado as incursões noturnas ao povoado. Todas as manhãs ele despertava com ela nos braços e dormia muito bem.

Esta noite ele a esperava no salão e pediu-lhe para que colocasse um vestido para o jantar, estariam sozinhos, pois todos haviam seguido suas instruções, já que esta noite ele queria que fosse especial. Fazia um mês que viviam como casal e havia feito uma promessa entre eles, mas ele precisava de mais, queria se casar com ela. Ele iria pedir-lhe. Estava muito nervoso, ainda que não confessasse nunca. Encomendara um anel para o ferreiro do povoado, ele não quisera ir sem Lynnae, mas não possuía nada para oferecer-lhe. Seria suficiente para o momento, mais tarde ele compraria o que ela quisesse. A mesa estava colocada para dois, os pratos fumegavam, e ele vigiava a entrada como um falcão. Quando ela apareceu, ele se levantou instantaneamente, e foi recebê-la. Ela ficou parada na entrada, hesitando, junto com Seren, que a ajudara a colocar o vestido

novo. Mas ela não possuía toda a confiança, apesar dele lhe dizer sempre que não se preocupasse tanto.

Ela puxava a mangas que lhe pareciam curtas, sem se dar conta de que eram assim. Quando chegou junto dela, ele fez um sinal para Seren de que se fosse e segurando a mão de Lynnae, beijando-a com paixão. Ela ruborizou ao ver que os amigos de Gunnar, que estavam sentados junto à lareira, olhava-os. Ela começara a aceitar que sempre haveria muita gente os olhando, ele levantou a cabeça e sorriu. Ela respondeu com outro sorriso feliz, então ele colocou a mão dela sobre seu próprio braço, para acompanhá-la até sua cadeira.

Durante o jantar, apesar de ter pedido que não o fizessem, Niels e Axel se sentaram com eles, para conversar. Ao final da refeição ela ria sem conseguir resistir às brincadeiras. Niels e Axel haviam aperfeiçoado até limites impensáveis a arte de discutir entre eles. Contrariavam-se sempre, não importava sobre o que falassem. Ela ria como uma criança e eles a sua vez faziam mais brincadeiras. Gunnar esteve calado e sorria observando-os até que se fez tão tarde que decidiram despedir-se os deixando sozinhos. Ele foi generoso com o vinho já que era uma celebração e um momento depois, quando lhe pareceu o melhor momento, ia pegar o anel... quando ela se levantou surpreendendo-o. Ela também estava nervosa.

— Quero lhe dizer algo. — Ele a olhava sem ter ideia do que ela iria dizer. — Eu tenho sido mais feliz do que nunca nestes dias e se você houvesse conhecido meu querido Käresson, você teria gostado dele. Como prova de meus sentimentos, já que não quero que duvide do muito que você

significa para mim eu fiz isto. — Ela colocou a mão no bolso de seu vestido e pegou uma bolsinha de linhagem. — Seren me ensinou a costurara a bolsinha, — ela esclareceu e disse para que ele a abrisse. — Ele afastou o prato de sua frente e intrigado abriu a bolsa que soava como se dentro houvesse pedras preciosas e a esvaziou sobrea mesa com cuidado.

Eram runas, feitas com algum tipo de dente, não podia ser de seu elefante, porque ele não havia lhe entregue à presa.

— Eu as esculpi aos poucos quando não estávamos juntos, e por vezes eu menti dizendo que estava ajudando Seren, quando o que fazia era esculpi-las, porque se não fosse assim eu não conseguiria terminá-las. — Ela sorriu antes de continuar. — As presas que eu utilizei são do javali que você e Niels caçaram já faz algumas semanas e eu supus que poderiam dar boas runas. Não são as ideais para você, porém, — ela encolheu os ombros — eu as esculpirei para você mais adiante, se você quiser.

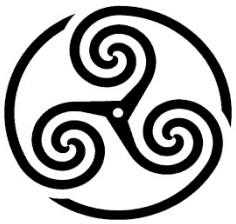
Gunnar não conseguia falar, a sua frente estava o melhor trabalho que ele havia visto até hoje. Pegou uma das runas com sua mão direita e a manteve ali um instante, fechou os olhos e sentiu como em sua mente apareciam imagens a toda velocidade. Voltou a deixar, com o maior cuidado, a runa com as demais. Era um jogo completo de runas, e todas pareciam do mesmo tamanho, foram polidas com todo o cuidado e refletiam a luz como se fossem joias. Os símbolos rúnicos que foram gravados nelas, foram feitos por mãos incrivelmente habilidosas, eram retos quando precisavam ser e curvos se a runa requeria. Os sulcos foram pintados com alguma espécie

de tintura azul, que lhe recordava um berserker. Ele a olhou emocionado e ela esclareceu o porquê daquela cor.

— Acredito que tua força em grande parte procede do berserker, não o deprecie nunca, graças a ele estamos juntos. — Ela sorriu com ternura, entre lágrimas. Ele se levantou a ponto de também chorar e sem se importar se o veriam, ele a fechou entre seus braços, pois jamais pensou que poderia amar tanto a alguém.

— Casará comigo! — Ela o olhou surpresa, pela força com a qual a segurava lhe indicava que estava nervoso esperando sua resposta.

— Claro que sim, casarei, mas tenho somente uma condição, — ela sorriu travessa e lhe disse ao ouvido.



EPÍLOGO

O noivo estava pronto, tudo estava preparado, os convidados estavam esperando, porém, a noiva se negava a sair do aposento. Gunnar, voltou a sair de casa para ver se alguém aparecia, mas não havia cavalos no horizonte e ele se encaminhou até o aposento dela. No caminho Filip lhe fez um sinal enquanto falava alegremente com sua rainha.

Ele bateu à porta e entrou, mas ela não o olhara, ela não o queria. Sua companheira estava sentada junto ao fogo ainda que este estivesse apagado e olhava a parede em frente com as mãos entrelaçadas no colo.

— Eles não vieram Lynnae, por favor, venha, iremos vê-los nós. Na semana que vem se quiser. — Ela o olhou brava, ele já havia se dado conta do quanto ela era teimosa. Quase mais do que ele e isso era loucura de se dizer.

— Não! Se eles não vierem, então não nos casaremos hoje, iremos ver seus pais e nos casaremos lá. — Ele sentiu toda sua pele se arrepiar, pegou a mão dela e a fez se levantar. Admirou o vestido verde que fazia jus a sua figura delgada. Usava quatro

tranças como era costume entre as noivas e o anel que ele havia lhe dado. Estava mais linda do que nunca.

— Nos casamos e depois vamos vê-los, é o mais lógico.

— Não, eu escrevi para sua mãe que esperaríamos que eles viessem, alguma coisa aconteceu.

— Lynnae não podemos dizer a todos os amigos que vieram que não haverá casamento.

— Claro que podemos. Sua mãe merece estar com a gente e seu pai, também. Você não acha? — Ele concordou, mas não queria mais esperar que ela fosse sua esposa, ele não sabia o que fazer...

— Gunnar, vem gente! Carroças e cavalos, as pessoas estão indo ver quem são. — Axel gritou a informação e saiu correndo para não perder nada. Eles fizeram o mesmo segurando-se pelas mãos.

Colocaram-se bem à frente, diante do castelo, esperando. Gunnar pousou a mão sobre seus olhos tentando ver algo, mas o sol o atrapalhava. Fazia um dia magnífico, perfeito para um casamento.



— Caso não se comporte Erik, eu juro que ficarei vivendo com eles durante um tempo. E verá se encontrará alguém que o aguente, porque a cada dia você fica pior. — Seu marido, que montava o cavalo que estava junto ao dela, sorriu irônico, como se ela não soubesse que ele nunca permitiria que ela saísse do seu lado. Quando ela fazia, ele simplesmente não conseguia

respirar.

— Acalme-se mulher ou vai dar um espetáculo. — Sua voz, com o passar dos anos se tornara mais rouca e ele parecia mais atraente aos olhos de Yvette. Ela o olhou, os anos o trataram bem, ainda estava tão ereto como quando era jovem e seus olhos eram tão ferozes quanto então. Seu corpo continuava sendo forte e musculoso e seu apetite não havia diminuído, ela mesma confirmava aquilo, porque muitas vezes precisa pedir que ele a deixasse dormir.

— Olhe! Gunnar está lá! — Apontou seu filho mais feliz do que há muito tempo. — O rosto dele. — Ela murmurou. Mesmo que tivesse sido avisada, a cicatriz que via era terrível, ele devia ter sofrido muito. E tão longe de sua família. Ela como mãe devia ter estado ao lado dele. — Caso comece a chorar nós voltaremos. — Yvette o olhou, indignada, mas ele conseguiu seu propósito, e ela se esforçou para não chorar. Freou seu cavalo e desceu. Eles haviam chegado.

Erik suspirou ao ver como ela se atirava aos braços de seu filho, como se ele tivesse voltado dentre os mortos. Ele também precisou respirar fundo para se aproximar já que sentia uma grande dor em seu peito.

— Meu filho! Finalmente! — Ela acariciou sua face destroçada e o beijou com adoração, seu filho sorria feliz.

— Mãe está muito bonita, como sempre. — Yvette continuava com a aparência delicada de quando era jovem. Com seu cabelo e olhos violetas parecia sua irmã em vez de sua mãe.

— Mãe eu lhe apresento minha companheira, Lynnae.

— Minha filha, que alegria lhe conhecer! — Ela a abraçou com força, fazendo com que a jovem finalmente sentisse que possuía uma família.

Erik se aproximou de seu filho e sério, ele esticou seu antebraço, para saudá-lo. Mas seu pai esticou seus fortes braços e o puxou contra ele, como fazia quando ele era criança. Algumas lágrimas indiscretas caíram dos olhos dos dois homens e Erik sussurrou junto ao ouvido de seu filho.

— Perdoe-me filho, perdoe-me. — Gunnar apertou forte, os braços, nas costas de seu pai, enquanto as mulheres abraçadas pela cintura os observavam chorando sem vergonha. Alguns dos convidados, amigos de Gunnar, não conseguiram evitar que também rolassem algumas lágrimas.

Quando pai e filho se afastaram os irmãos se atiraram em seus braços, rindo, pela primeira vez em anos.

— Ragnar, Rongvald! — Gunnar não conseguia resistir às lágrimas que inundavam seus olhos. Os três irmãos se batiam nas costas com força. Gunnar os apresentou a sua noiva, que já havia saudado seus pais. Seus pais estavam juntos, olhando seus filhos, radiantes ao lado de Lynnae, que também chorava ao ver a felicidade de seu companheiro.

Erik sussurrou no ouvido de sua mulher.

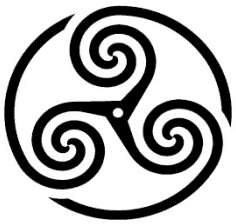
— Não está contente de ter notícias de seu filho? — ela o olhou altiva e respondeu com bastante ironia.

— Desde o princípio eu sabia sobre ele e seus irmãos também, com toda a teimosia devem ter sofrido tanto quanto você. — Erik inclinou a cabeça para que ela não visse seu sorriso. Ele sabia que todos, exceto ele, mantinham contato

com Gunnar, mas o que eles não imaginavam era que quando eles lhe enviavam alguma mensagem, Erik interrogava o mensageiro para saber tudo sobre ele. Custara algum dinheiro para que os mensageiros mantivessem o bico calado. Ele levantou a cabeça novamente quando pode colocar seu rosto sério novamente, com sua expressão habitual, mais tarde, na cama, ele contaria a sua amada esposa a tramoia que havia feito.

— Filhos, soltem seu irmão! Depois terão tempo de estarem juntos, vamos permanecer por aqui uma longa temporada. Agora, acredito que tenhamos vindo para um casamento. — O restante dos convidados aplaudiram longamente as palavras do pai de Gunnar, e começaram a entrar no castelo.

A família do noivo entrou depois, deixando o casal um instante a sós. Gunnar a acariciou uma última vez com o olhar e ela sorriu antes de entrar levada pela mão dele.



Obrigada por ler! Querida leitora,

Espero que tenha se divertido lendo LYNNAE, a terceira novela da saga CATIVAS DO BERSERKER, tanto quanto eu escrevendo-a. CATIVA, a primeira da saga, em seu momento, foi uma surpresa a grande acolhida que teve, e por isso me decidi a escrever uma saga. ERIKA a segunda, também foi muito bem recebida.

Muitas têm me perguntado de onde surgiu a ideia de uma companheira e eu preciso confessar que da minha imaginação, porque necessitava de uma denominação para as mulheres destinadas aos BERSERKERS. E me parecia muito interessante que este tipo de vikings tão particulares, também tivessem mulheres com características únicas.

Muito obrigada por ler LYNNAE e por passar um momento comigo.